A CENA MUDA

PRIMEIRAS REPORTAGENS
DO FESTIVAL DE SÃO PAULO



Nº 8 ★ 24/2/54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

Bel-Air

UM PRODUTO FLEXSO



PARA CRIANÇAS 20/27 CR$ 50,00





PARA MENINAS 28/32 CR$ 75,00

LUVAS PARA OS PÉS

CREAÇÃO DE MISTER JAMES





PARA SENHORAS 33/39 CR$ 95,00

Côres Lindíssimas!
CANARIO - VERDE
VERMELHO - BRANCO
ETC. ETC.

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

AT. SEMOG/.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil.
Porte por par, 5 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.

A
CENA
MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

Desenhista
Gil Ribeiro

CENA nº 8, de 24/2/1954

★

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Juliette, Marie e Desdemona 4/ 5
Inaugurou-se o Festival ... 6/ 9
A Espanha chegou primeiro 12/13
Falam os intérpretes de «Nobreza Gaúcha» 20

SESSÕES PERMANENTES

Pré-estréia: «Os brutos também amam» 3
A novela das imagens: «A Princesa e o Plebeu» 10/11
Curiosidades e «close-ups». 16/17
Cinema brasileiro 20/21
De todo o Mundo 24/25
«Ballet»: Tatiana Leskova .. 26/27
Cartazes em revista 28/29
Teatro-Música 30/31
Rádio-Discos-Novidades 32
Página do leitor 33

PAGINAS ESPECIAIS

Luminosidades de nossas «estrêlas» 14/15/18/19/22/23

A NOSSA CAPA
JOAN FONTAINE

★

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

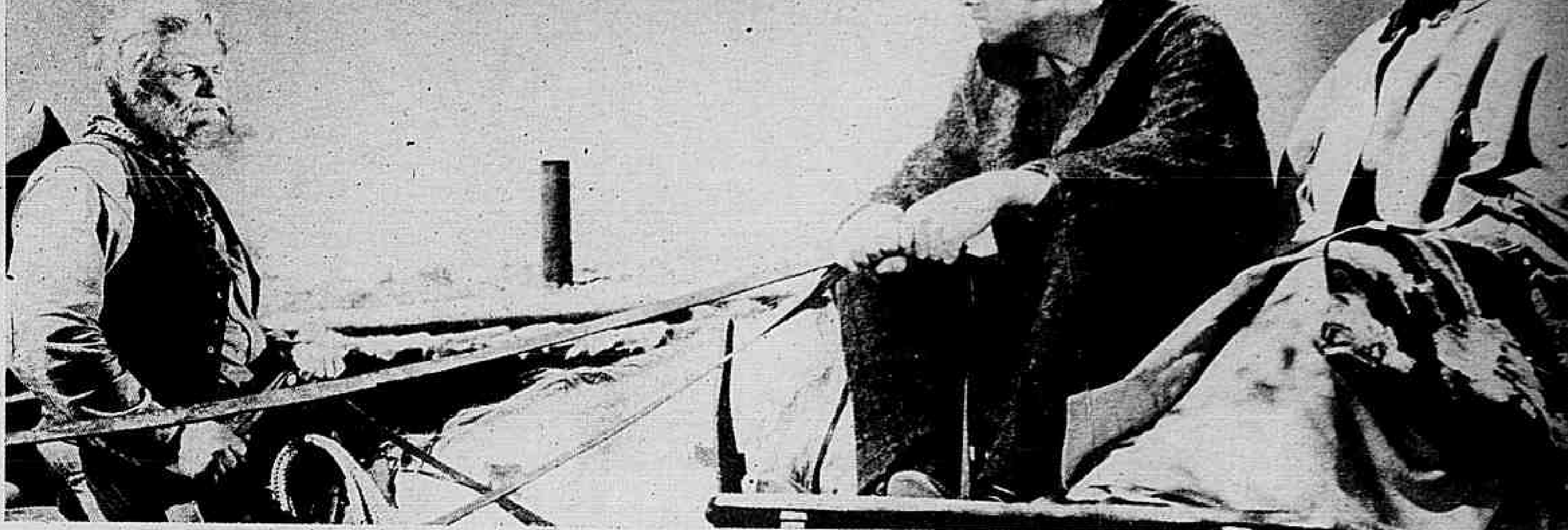
PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatura anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro semestral	180,00

PRÉ-ESTRÉIA

4 - "OS BRUTOS TAMBÉM AMAM"

NAS «JORNADAS» DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO



A eterna luta contra a prepotência é o tema de «Os brutos também amam».

SEGUNDO a autorizada opinião de L. Boltshalser, êste é um dos poucos «westerns» cujo tema e atmosfera captaram o sentido dos famosos filmes de William S. Hart. E êste rumo já está presente com o tema: a história de um justiceiro que passa. Ao contrário de todos os filmes do gênero, a identidade e o passado não são revelados. No epílogo, prossegue a sua jornada, para alhures, rumo desconhecido. Até o próprio íntimo ignora-se se prosseguirá a vida de ex-bandoleiro ou se o que se passou poderia significar um prenúncio de melhoria.

A história não chega a ser muito diferente das, em geral, rodadas do assunto. Não se pode esperar dêste gênero — em que a violência é o apanágio — um conteúdo de ensinamento. Tudo porque, até os atos de desprendimento, conforme o do herói, na fase final do filme, são calcados e refletem a rudeza de formação. Porém, a atmosfera descritiva, hàbilmente preparada pelo autor do roteiro — A. B. Guthrie Jr. — muito favoreceu a direção de George Stevens. Êste orientador se vem revelando como um dos autênticos cineastas da atualidade. O responsável por «Um lugar ao sol» demonstra o poder da sua versatilidade, obtendo um dos melhores «westerns» dos últimos anos.

Atordoante o clima de violência mas, por outro lado, através de notável direção. É um dêsses casos em que a forma supera o conteúdo. A narrativa é intensa e emocionante. E a película poderia ir além se não fôra a escolha do principal ator: Alan Ladd. Não que atue mal, em absoluto. Com absoluta surprêsa, embora conservando algumas das suas irredutíveis poses, conseguiu proporcionar uma razoável composição. Entretanto se, nesse mesmo papel estivesse, por exemplo, um Kirk Douglas, um Gregory Peck, um Gary Cooper, o celulóide cresceria muito mais. Em compensação, os demais desempenhos são bem valiosos e, em particular, Van Heflin e Jean Arthur. Magníficos os «closes» do garôto Brandon Dewilde, tão funcionais com o desenvolvimento. Destaques, ainda, para todos os coadjuvantes e, entre êles Ben Johnson, Edgar Buchanan, Jack Palance, Elisha Cook Jr, Ellen Corby e outros. Título original: «Shane», filme da Paramount, rodado em «technicolor».

Alan Ladd, criador na tela do personagem central: Shane, ao lado do excelente garôto Brandon De Wilde.





SUZANNE GLOUTIER, TÃO LINDA QUANTO ARTISTA

De L. BOLTSHALSER, exclusivo para "A CENA"

A beleza é triste. Resplandece quando sorri.



JULIETTE, MARIE e DESDEMONA

Suzanne Cloutier é uma figura frágil, com um rosto sensível, de uma beleza triste, que resplandece quando ela sorri. O público brasileiro conheceu-a como a doce Maria, de "Vítimas do destino", seu primeiro desempenho para o cinema. Hoje, Suzanne Cloutier obteve o sucesso com que sonhava; três dos mais importantes diretores de nosso tempo escolheram-na para estrelar seus filmes, e ela não os decepcionou. É tão bela quanto talentosa.

A história de Suzanne Cloutier vale ser contada. Da reclusão de um convento canadense, aos palcos franceses e às telas de todo o mundo. Com talento, determinação e, naturalmente, sorte, Suzanne tornou-se uma "estrêla" de classe.

Sua mãe era irlandesa, e seu pai, um canadense-francês que ocupava o pôsto de editor do Rei em Ottawa, onde Suzanne nasceu, num dia dez de julho. Suzanne, a mais velho dos cinco filhos do casal, foi educada num convento em Trois-Rivières, e depois em Montreal, e estava destinada pela família á seguir a carreira religiosa.

Tinha apenas dezessete anos, e não desejava entrar para o convento; secretamente ambicionava tornar-se atriz. Quando compreendeu que não poderia escapar ao destino que lhe tinham traçado os pais, tomou uma decisão importante, e que surpreende nela justamente por causa de sua fragilidade: fugiu de casa. Abandonou a casa paterna e o Canadá, levando como única riqueza uma capa de peles que serviu para pagar sua passagem até Nova York.

A babel nova-iorquina assustou a pequenina Suzanne, tonta, perdida, no meio dos arranha-céus e multidão imensa. Graças à sua beleza entretanto, conseguiu trabalho, como modêlo de uma casa de modas, e depois como "cover girl".

A primeira oportunidade de sua vida nasceu de um encontro seu com o realizador George Stevens. Stevens aconselhou-a a seguir um curso de arte dramática, e apresentou-a ao grande ator Charles Laughton. Laughton contratou-a para uma "tournée" pelos Estados Unidos e, Suzanne foi Julieta, Ofélia... tôdas as doces heroínas de Shakespeare. Com a companhia de Laughton, Suzanne Cloutier foi até Paris, onde conheceu Louis Jouvet, que ensinou-lhe exercícios de dicção a fim de que ela falasse o francês sem sotaque.

Em Paris, Suzanne ficou sem trabalho, chegando a passar fome, mas não desanimou. Obtem uma audição com Jean Dasté, e declama um trecho em inglês. E apesar de Dasté não compreender palavra do que Suzanne dizia, contratou-a para interpretar Mariana em "Os caprichos de Mariana" de Musset.

Em «Otelo», com Orson Welles e figurando Desdemona.



Em «Vítimas do destino», na tão infeliz sentenciada.



O cinema tentava a jovem atriz de teatro. Ela, que conhecera Julien Duvivier em Hollywood, apresenta-se a êle, pedindo-lhe que lhe desse a oportunidade de um teste para "Vítimas do destino". Mas Duvivier que não se esquecera dela, confia-lhe o principal papel: o de Maria. O resultado foi o melhor possível, e animou Suzanne a prosseguir.

Orson Welles procurava uma Desdêmona para o seu "Otelo". Centenas de candidatas se apresentaram, mas nenhuma satisfez o exigente realizador. Suzanne resolve arriscar, e obtém sucesso onde as outras fracassaram: foi escolhida para o papel. A miúda atriz, frente ao colossal Orson Welles deve ter-se sentido como Chapèuzinho Vermelho diante do lôbo.

Wlles submete-a a testes exaustivos, fá-la pintar os cabelos, e rosna, enquanto ela representa, trêmula, frente às câmaras: "Eu te adotei porque não tinha outra em vista". Mas dois meses depois, o próprio Welles qualifica Suzzane de genial e ao saber que Marcel Carné precisava de uma atriz para ser a "Juliette" de "Juliette ou la clé des songes", aconselha-o a contratar Suzanne.

E assim, a bela canadense teve outra grande oportunidade de sua vida. Os que a viram como Juliette, estão prontos a reconhecer a rara beleza de Suzanne, e sua grande sensibilidade.

Também Jean Renoir disputou a colaboração de Suzanne, e com Orson Welles. Durante as filmagens de "Otelo", Renoir convidou-a para ir com a equipe de "O rio sagrado" para a Índia, onde Desdêmona seria transformada em Valéria, a belga amiga de Harriet. Embora sentisse perder essa chance invejável, Suzanne Cloutier foi obrigada a recusar; os trabalhos de "Otelo" não podiam ser interrompidos.

Enquanto aguarda outro bom papel no cinema, e que certamente não se fará esperar, Suzanne Cloutier voltou ao teatro. Interpretou inclusive, nos palcos parisienses uma sátira de Orson Welles intitulada "A lagosta que não pensava".

E foi assim que uma canadense bonita e franzina trocou o hábito de freira pelos trajes de Desdêmona, e Juliette deixou o convento para morar no castelo do Barba-Azul.

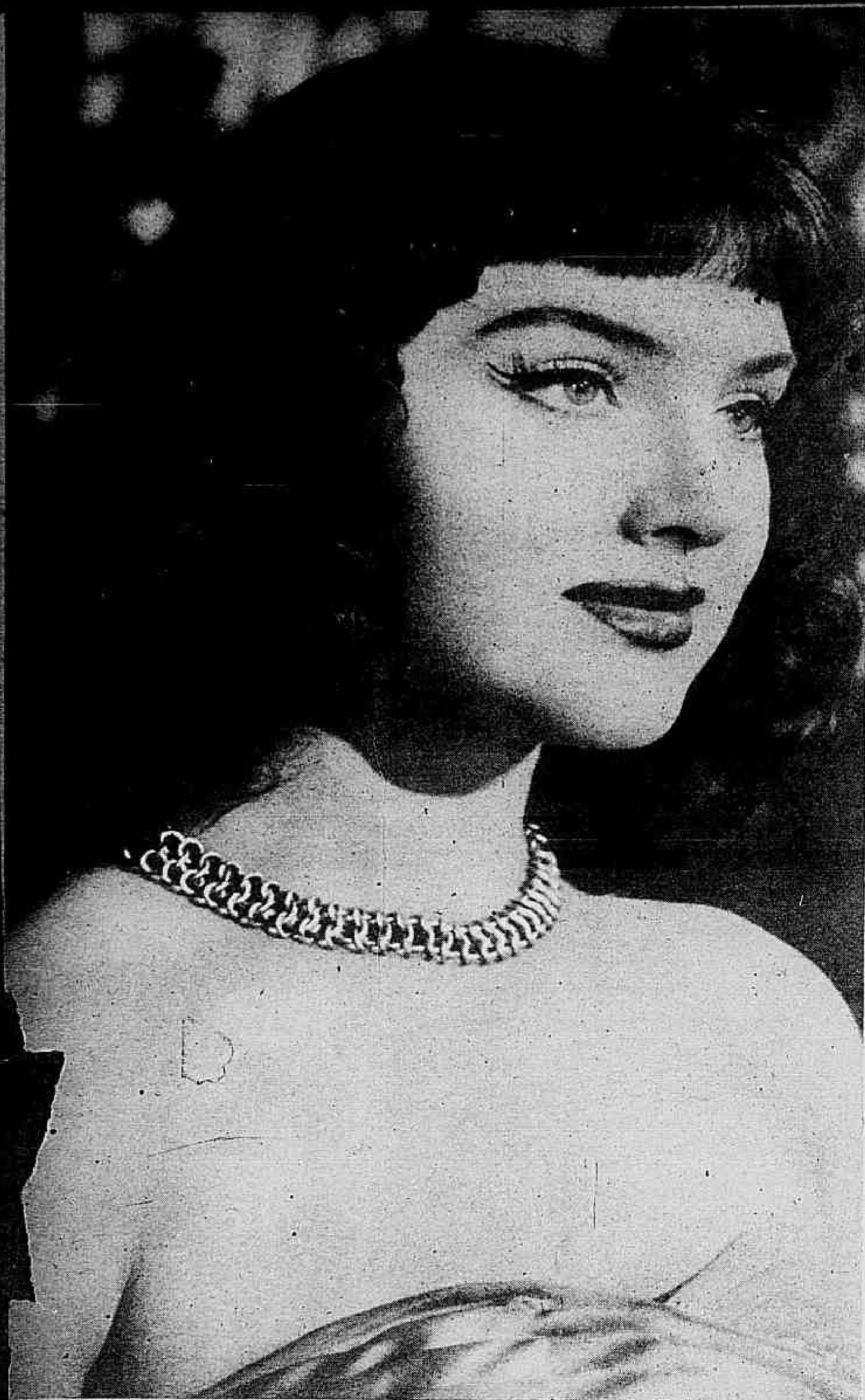
As vicissitudes por que passou Suzanne Cloutier serviram para revelar uma "estrêla". Se não se opusesse à vontade dos pais, se não fugisse para Nova York, provàvelmente ainda estaria no anonimato, vivendo uma existência comum e sem grandes ambições na mesma cidade de Ottawa, uma jovem bela e sensível chamada Suzanne Cloutier!



Novamente em «Otelo», a tão esperada versão de Shakespeare



O frio do cárcere, as penas que viveu no belo filme de Julien Duvivier.



Eleonora Ruffo que, até o momento de encerrarmos estas páginas, era a mais linda «estrêla» do cinema internacional presente à festividade em São Paulo.

Como foi

Grande multidão no Palácio do Cinema — Desfile de representantes e tôda a sorte de impressões

De JONALD, exclusivo para A CENA

FICOU intransitável o quarteirão em que se deveria inaugurar o 1º Festival Internacional de Cinema do Brasil. Intensa multidão aglomerava-se tanto na quadra da Rua Conselheiro Crispiniano, onde está situado o "Palácio do Cinema", quanto na vizinha quadra, ao redor do Esplanada Hotel, onde foram hospedadas muitas das delegações. As delegações que se encontravam em São Paulo, até o dia 12 de fevereiro, p.p. eram as seguintes: França, Inglaterra, Espanha, Canadá, Japão, Uruguai, Chile, Venezuela, Peru, Índia, Portugal e México.

O lado social foi brilhante. À entrada das delegações, o público aplaudia demoradamente. O desfile de ricos trajes a rigor, apesar da intensa aglomeração da massa, de repórteres e fotógrafos se fêz com muita ordem. Entretanto, dado o acúmulo de pessoas e dificuldade para os autos alcançarem o Cine Marrocos, atrasou-se de uma hora a inauguração. Isto favoreceu o mundanismo, os comentários galantes, etc.

Do lado de fora, situado na vasta área de isolamento, foram colocados inúmeros refletores de cinema seguindo, assim, o sistema de Hollywood para as



O produtor francês Ray Ventura, acompanhando as «estrêlas» do seu país.



Lise Gourdin e Blanchette Bruncy, da França.

Inaugurado o Festival em S. Paulo



Alberto Ruschell, o famoso bandoleiro de «O Cangaceiro», entre as «estrêlas» do «Império do Sol Nascente»: Mityo Aratama aparecerá em «Kurama Tongu».

festivas inaugurações. No lado interno, em meio da distribuição de "charme", através das "estrêlas", o aspecto galante ainda não havia alcançado o "climax". O primeiro prenúncio foi a solene hora da inauguração.

O governador Lucas Garcez, situado no camarote central — sim, o primeiro balcão do "Palácio", denominação comum, nos festivais internacionais, ao cinema escolhido — por intermédio de um microfone, abriu a solenidade, com uma curta saudação. Exaltou o papel do cinema na aproximação entre os povos, com tôdas as palavras clássicas para com um acontecimento desta natureza. Para o bem de todos, foi o único discurso.

Finalmente, seguiu-se a abertura do espetáculo cinematográfico, de início com três curtas metragens. O primeiro foi "Vitrais de arte", colorido, de procedência italiana. Em seguida, o americano "The Tell Take Heart", narrado por James Mason e inspirado em um conto de Edgar Allan Poe. Em terceiro, o melhor e o mais vivamente aplaudido dos "shorts", a notável fantasia colorida de Norman McLaren, do Canadá, "Begone dull care". Trata-se de um revolucionário processo fantasista de expor sugestões musicais através de fixações coloridas, as mais inesperadas possíveis. Dentro em breve A CENA transmitirá a palavra de McLaren, o realizador, que está presente em São Paulo.

Atingiu, então, o "climax" a noite de inauguração. De acôrdo com o que é praticado nos festivais europeus, houve um longo intervalo a fim de que a parte social e mundana lograsse o seu ponto culminante. Nos dois "bares", salões e corredores do "Cine Mar-

COMO FOI INAUGURADO O FESTIVAL EM S. PAULO

Cosetta Grego, de «Garôtas de Praça de Espanha», está em São Paulo.

rocos" a alta sociedade local se espandiu e melhor confraternizou com as Embaixadas visitantes.

Encerrando a inauguração foi projetado o filme norte-americano "Risos e lágrimas" (Glenn Miller Story, da Universal). Não foi, é certo, uma adequada escolha. De aspecto acentuadamente regional peca, também, por certa lentidão de narrativa. No tocante à crítica, A CENA publicará nos seus próximos números, especialmente consagrados ao Festival, tôdas as minúcias referentes aos mesmos.

AS LEMBRANÇAS GERAIS

Para emitir as primeiras impressões do 1º Festival Internacional de Cinema do Brasil é necessário, antes de mais nada, serenidade. Infelizmente, esta base tem faltado a diversos colegas de órgãos da imprensa brasileira. Os ataques, baseados em inevitáveis senões, visam o intuito de sensacionalismo e não o de construir, através do justo direito de crítica. Esquecem-se de várias circunstâncias altamente lisonjeiras para o bom nome do país, sob todos os pontos de vista.

Ao contrário do que ocorre com a grande maioria das festividades do gênero, em todo o mundo, o do Brasil deixará um vínculo de amplo benefício. Os responsáveis pela sua organização tiveram o bom senso de empregar uma apreciável quantia da verba destinada às despesas do Festival em adquirir uma preciosíssima coletânea dos grandes filmes da história do cinema. A retrospectiva internacional, conjuntamente com a de Eric Von Stroheim, representam um patrimônio artístico-cultural que ficará para a atual e futuras gerações. Trata-se de autêntico curso especializado em tôrno da grande arte do cinema e êste amplo benefício deve ser justamente ressaltado. Seus idealizadores, Pedro Gouveia Filho, Sales Gomes e Almeida Sales, estão de amplos parabéns.

Não há dúvida alguma que têm surgido defeitos, transtornos e imprevistos em volta das primeiras apresentações do Festival. Entretanto, a maioria dêstes transtornos parte, freqüentemente, de próprias alterações ditadas pelas circunstâncias e, até mesmo, das Embaixadas que nos visitam, conforme, por várias vêzes, tivemos ocasião de testemunhar. Por outro lado, necessário é não se esquecer que o Festival se realiza na cidade de maior população do Brasil. Em todos de importância, que se organizam internacionalmente, a escolha recai em pequenas cidades, geralmente estâncias de turismo, balneárias, etc. O que se efetua nesta gloriosa cidade não visou favorecer êste ou aquêle desenvolvimento, muitas vêzes de caráter particular e, sim, simplesmente, reverenciar a gloriosa cidade de São Paulo. A intenção foi de uma homenagem ampla, de confraternização geral. Teria sido muito fácil para a Comissão escolher uma pequena e distante cidade de veraneio e, fora das inevitáveis agitações, comuns aos grandes centros, cumprir um programa em meio de calmaria. O intento de realizá-lo na capital do Estado sòmente poderá merecer louvores, uma vez que partiu de uma idéia sadia.

Embora alguns festivais de curta-metragem tenham sido realizados no país, êste foi, realmente, o primeiro

de longa metragem. Portanto, ligando esta circunstância com tantas outras — repercussão internacional; intercâmbio artístico; formação cultural, com as várias retrospectivas, etc., fácil é concluir que as dádivas, apreciadas em conjunto dominam, certamente, os pequenos ou médios transtornos, sempre vistos com olhos de lince, com o desejo de exacerbação.

O fato é que os primeiros dias do Festival têm, de maneira geral, transcorrido com brilhantismo. As finalidades vêm sendo cumpridas a contento fazendo prever que, após a inevitável agitação das primeiras reuniões — uma cidade de dois milhões e setecentos e tal que procura participar das comemorações — o êxito siga em ascenção, fazendo prever um completo sucesso.

COMO ESTÃO SENDO REALIZADAS AS FESTIVIDADES

Há uma média de cêrca de oito a dez filmes de longa metragem que, diàriamente, são exibidos para o grande Festival Internacional do Brasil. No Palácio do Cinema, duas estréias; no Cine Arlequim, nas "Jornadas", três e, por vêzes, quatro, conforme ocorreu no domingo 14, dois dias após o Festival; na retrospectiva Internacional, no Museu de Arte Moderna, um diàriamente; na de Von Stroheim, mais um, também diàriamente. Entretanto há, também, simultâneamente, o Festival de Cinema Infantil e o Científico! Como se fôsse pouco, uma série de festividades de caráter social e de congraçamento que são inúmeras por dia. Tôda a equipe de A CENA está participando do Festival, a fim de a cobertura ser a mais completa possível. Desta maneira, haverá dois números especiais, a partir da próxima edição, com um relato completo do que está sucedendo. Aguardem, portanto, êste documento que ficará da primeira realização do setor de longa metragem efetuado no país.



Maria Frau, outra «estrêla» da delegação italiana.

Embaixador Décio Moura, presidente da Comissão do Festival, Andrade Figueira, secretário, ao lado das duas «estrêlas» do cinema japonês.



Foto tomada no Aeroporto de Congonhas, por ocasião da chegada da delegação uruguaia ao Festival de Cinema de São Paulo.



A estrear no festival internacional de São Paulo

Sentimentos que culminaram em um grande amor.

A NOVELA DAS IMAGENS

a PRINCESA e o PLEBEU

ELENCO:

Joe Braldey.................................GREGORY PECK
Princesa Anne...............................AUDREY HEPBURN
Irving Radovitch...............................Eddie Albert
Sr. Hennessy.................................Hartley Power
Embaixador................................Harcourt Williams
Condêssa Vereberg........................Margaret Rawlings
General Provno...............................Tullio Carminati
Mario Delani (barbeiro)........................Paolo Carlini

FICHA TÉCNICA:

Direção..WILLIAM WYLER
Roteiro........IAN MCLELLAN HUNTER e JOHN DEIGHTON
Diretores de fotografia......Frank F. Planer e Henry Alekan
Partitura musical...............................Georges Auric

PRODUÇÃO GERAL: PARAMOUNT

É o sonho de tôda moça encontrar um dia seu príncipe encantado. Por vêzes, êste sonho reveste-se de fantasia onde a realidade apenas é esboçada. No século que vivemos, quando os príncipes rareiam e perdem o trono quando não a cabeça, a figura que o substitui nos sonhos pueris é o jovem elegante, rico e sociável. As carruagens e os corcéis faustosos cedem lugar aos «cadillacs»; o manto real os trajes esportivos; o ouro e a prata, o livrinho de cheques. Os homens, mais afeitos à realidade, não se permitem muito à êstes devaneios mas, se surgir uma princesa, de fato, e de direito à sua frente, qual seria a reação?

Anne, a graciosa princesa de um famoso reino, faz uma viagem através de diversos países europeus. Em Roma, fatigada das suas missões e das pessoas que a cercam, tem uma crise de nervos. Um médico é chamado à Embaixada onde está hospedada e receita-lhe um sedativo, que a fará dormir e ausentar-se de suas atividades por vinte e quatro horas. Enquanto aguarda o efeito do sedativo, Anne sai às escondidas para dar uma volta pela cidade. Entretanto a droga começa a atuar. Fica tonta e é um jornalista americano — Joe Bradley — que a socorre. Leva-a, imediatamente, para o seu apartamento, deixando-a dormir à vontade. No dia seguinte, enquanto a Embaixada se alvoroçava devido ao desaparecimento da princesa Anne, Joe descobre a identidade de sua hóspede. A princípio, apenas vê um grande motivo para reportagem e o quanto isto poderia lhe render. A princesa, que se crê não identificada pelo jornalista, resolve prolongar por algumas horas suas férias e sai a passeio com êle. O casal é seguido em todos os movimentos por Irving Radovitch, um fotógrafo, a única pessoa que compartilhava do segrêdo de Joe. Acontece, entretanto, que o jornalista e a princesa se apaixonam um pelo outro mas compreendem a impossibilidade da realização dêste amor. Joe Bradley leva, então, Anne de volta à Embaixada e despreza a possibilidade da reportagem rasgando as notas que registrara.

Os dias passam e a princesa concede uma entrevista coletiva à imprensa. Joe e Irving estão presentes; êste passa-lhe sorrateiramente as fotografias que deveriam ilustrar a sensacional reportagem. Anne agradece; a ternura habita o seu olhar e silenciosamente se afasta para sempre.

Mais uma vez dois corações são vítimas da imposição social que êles não souberam vencer.

O fausto da Côrte, os protocolos...



As princesas também têm coração!





As duas que chegaram primeiro, na «maratona» do Festival: Ana Esmeralda e Maruja Asquerino.

as espanholas chegaram primeiro

OUVINDO ANA ESMERALDA, BAILARINA E «ESTRÊLA», E MARUJA ASQUERINO, QUE JÁ TOMOU PARTE EM MAIS DE 30 FILMES — CESAREO GONZALEZ APRESENTARÁ «FLAMENCO» NO 3º FESTIVAL MUNDIAL DE FILMES DE DANÇA A SER REALIZADO EM ABRIL

De JONALD, exclusivo para «A CENA»

As espanholas foram as primeiras. Enquanto não se sabia exatamente quem viria, tal a confusão das notícias, já a Terra de Cervantes se fazia representar no Brasil. «A CENA» foi das primeiras publicações do país a entrar em contacto com a Embaixada. Estivemos à bordo do «Conte Grande», no Rio, o vapor que trouxe da Europa os representantes dêste país. Depois, em São Paulo, ampliamos os nossos conhecimentos com todos. Assim, foi possível trazer uma série de interessantes informes a respeito dos seus componentes. Assim, ei-los focalizados para os leitores de «A CENA»:

Ana Esmeralda

Além de «estrêla» do cinema espanhol é, também, uma famosa bailarina das danças típicas do seu país. O seu tipo fí-



Cesareo Gonzalez, presidente da delegação espanhola e o maior produtor do seu país.

sico é o clássico da mulher espanhola, lembrando, particularmente a «gitana». Alegre, expansiva, refere-se, com muito entusiasmo, à dança. Desde criança que se dedicou aos bailados da Espanha, tendo Luiza Pericet como a primeira mestra. E foi precisamente esta base artística que a conduziu ao cinema. Acha, mesmo, que isto jamais aconteceria se não fôra a dança. Já tem tido ocasião de dar espetáculos fora do seu país e tem merecido sempre grandes manifestações.

Ante uma pergunta de «A CENA», teve ocasião de dizer que, atendendo a diversas sugestões recebidas, desde mesmo a bordo do navio, pretende oferecer um pequeno recital desta sua outra maneira de sentir a arte. «Seria uma modesta retribuição às gentilezas que tôda a delegação espanhola tem recebido.

No tocante à sua carreira, informou que cinco são os filmes do seu «carnet» cinematográfico: «El amor brujo», «Lola la piconera», «Bronca Luna», «Maria Dolores» e «Siempre Carmen». O primeiro dos filmes citado é o da sua preferência. Dos bailados do seu vasto repertório prefere «Solares de Andaluzia».

Curiosa revelação nos fêz Ana Esmeralda. No dia seguinte à sua chegada a São Paulo, logo após os primeiros momentos de folga, procurou inteirar-se ainda mais das nossas melodias populares — a bordo já se iniciara... O intuito é simples: alegre e brincalhona, pretende divertir-se muito no carnaval carioca!

Maruja Asquerina

Olhos claros, cabelos castanhos, Maruja não possui tantos traços característicos da espanhola. Filha de um célebre ator espanhol, Marino Asquerino, desde cedo teve a sua iniciação nos segredos da ribalta. Começou, também, muito cedo no cinema tendo tomado parte, em cêrca de 10 anos, em mais de trinta filmes. A sua versatilidade tende para o drama e foi nesta característica que logrou êxito nas duas artes que abraçou. Manifestou um imenso pesar pelo motivo de que nenhuma das películas tenha sido projetada no Brasil. O seu desejo de conhecer a nossa terra era tão grande que rescindiu, amigàvelmente, o contrato que a prendia, no momento a uma companhia teatral a fim de vir conhecer o Brasil. E não se arrependeu, principalmente por ter visto, nas 10 horas que estêve no Rio, os seus recantos mais pitorescos. Ficou encantada com a Tijuca, Alto da Boa Vista (onde almoçou, em companhia da Embaixada e recepcionantes), Copacabana, etc.

De todos os seus filmes, o que mais gosta é «Sulcos». Outras destacadas participações teve em «Sétima página», «O homem perseguido», «Aeroporto», «Dois caminhos», «Hermanos», etc. Excepcionalmente, tem atuado em papéis cômicos e obteve mesmo sucesso com o filme «Madrugada».

Revelou-nos, também, que tem muita vontade de participar de um filme brasileiro-espanhol. E está desejosa que as «demarches» do produtor Cesareo Gonzalez, a respeito, sejam coroadas de êxito.

Cesareo Gonzalez

E' o mais famoso dos produtores espanhóis e nome internacionalmente acatado. Confirmou as palavras de Maruja. E' seu intento estabelecer normas com um dos estúdios brasileiros. A co-produção, vitoriosa em tantos centros, seria mais fácil da Espanha com o Brasil devido à familiaridade do idioma e da recíproca atração que tem os dois países pelos respectivos costumes e folclore.

Muito franco, Cesareo falou sem rodeios. Assim que tomou conhecimento desta sua atual estada em São Paulo, correu imediatamente ao Cinema República, onde se exibia um filme de sua produção: «Violetas imperiais», aliás já visto, com êxito, no Rio. Ficou impressionado com o sucesso. Constatou enormes «filas» e, naturalmente, entusiasmou-se. Tanto assim que, em virtude dos resultados, está certo de que aumentará o intercâmbio cinematográfico entre o Brasil e a Espanha.

Cesareo já produziu 62 filmes. E entrou por acaso no ramo. Proprietário de cadeia de hotéis encontrou, certo dia, em um dos seus estabelecimentos de veraneio, uma equipe cinematográfica em dificuldades. Tanto assim que até a verba que possuíam para o pagamento do hotel se havia ido. Procurando resolver a situação, resolveu financiar o restante da película. Tanto mais que, desta maneira, «salvaria o seu», já perdido, nas contas. Saiu-se bem da experiência e resolveu continuar. Atualmente, célebre no mundo da produção, vê com o maior prazer um amplexo mais direto para com o Brasil.

Cesareo referiu-se também, com entusiasmo, a respeito dos festivais internacionais de filmes de dança que o Brasil tem realizado. Em «A dança através dos povos», patrocinado pelo ex-Ministro Simões Filho, e realizado pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo e Teatro Municipal, concorreu com «Danças da Espanha» que, aliás, ganhou um prêmio. Vai, agora, concorrer para o terceiro, apresentando «Flamenco», com Antônio, cuja cópia se encontra no Brasil. Dado o sucesso das películas de dança espanhola, pretende continuar neste campo.



Ana Esmeralda reúne qualidades de bailarina com as de atriz de cinema. Em qual delas consegue mais?



Maruja Asquerino, uma espanhola típica.

LUMINOSIDADES DE NOSSAS "ESTRÊLAS"

CADA «estrêla» tem seu público. Cada um as admiram através das características que possuem. E são os diversos e destacados motivos que lhes outorgam personalidades. Vejamos, assim, 30 diferentes sugestões:

A mais perfeita: Tônia Carrero
A mais fotogênica: Marisa Prado
A mais ingênua: Fada Santoro
A mais suave: Beatriz Consuelo
A de olhos mais bonitos: Beatriz de Toledo
A maior revelação artística: Dóris Monteiro
A beleza mais pura: Aurora Duarte
A beleza mais brejeira: Gilda Neri
O porte mais bonito: Ilka Soares
O maior talento: Cacilda Becker

Talento: Cacilda Becker

Brejeira: Gilda Nery.

Atraente: Norma Tamar.



De CARLOS DOMINGUEZ, especial para «A CENA»



Interessante: Maria Fernanda



«Super»-temperamental: Patrícia Lacerda.

Graciosidade: Margot Bittencourt.



A mais interessante: Maria Fernanda
A de personalidade mais estranha: Maria Della Costa
A mais atraente: Norma Tamar
A mais elegante: Marlene
A mais graciosa: Margot Bittencourt
A mais «sex-appeal»: Sílvia Fernanda
A «super»-temperamental: Patrícia Lacerda
A mais comentada: Marli Sorel
A mais tranqüila: Eliana Lage
A mais popular: Eliana
As melhores atrizes infantis: Aristéia Paula Souza e Terezinha Rúbia
A de cabelos mais bonitos: Josette Bertal
A revelação de ingênua: Miriam Tereza
A revelação dramática: Terezinha Amaio
A revelação de comediante: Marina Freire
A mais «vamp»: Lisca Aide
A mais vibrátil: Emilinha Borba
A mais internacional: Vanja Orico
A mais maliciosa: Virgínia Lane
A melhor atriz «colored»: Ruth de Souza

(Continua na página 18)

CURIOSIDADES e "CLOSE-UPS"



Como o «extra» Cliff Lyons arrisca a vida.



O clássico salto do «mocinho» da carruágem para o cavalo em fuga.

Howard Hill, famoso arqueiro, é o responsável por tôdas estas flechas tão exatas.



OS ARDIS DE HOLLYWOOD

De MARIEN, especial para "A CENA"

"A maioria das pessoas que vão ao cinema acreditam na perícia do ator em cortar cordas a 100 ou 200 metros com um revólver ou fuzil! De outras vêzes, o pular de diligência em disparada; esgrimar com perícia; atirar facas e outras coisas. Aqui seguem alguns dados que desmentem, em parte, essas perícias. Vejamos:

Quarenta índios estavam alinhados para uma grande batalha cinematográfica. Todos com um arco e um molho de flechas. — "Espere um minuto!" — gritou um índio desconcertado:

"Como se usa isso?"

Howard Hill extraordinário e famoso arqueiro, apresentou-se e salvou a situação. Hill é contratado para ensinar índios, vaqueiros e lindas jovens a manejar arco e flecha. Nas fitas em que se vê uma flecha cravar-se a poucos centímetros do herói pode-se ter a certeza que a musculosa mão de Hill foi que a disparou.

Quando se vê dois espadachins, numa cena de duelo, trata-se de Fred e Albert Cavens, pai e filho. Fred começou ensinando a Douglas Fairbanks e John Barrymore, nos dias de cinema mudo. Albert segui-lhe na profissão e já apareceram em mais de 100 fitas. Para as cenas de "Robin Hood" levaram quatro meses ensaiando o elenco.

Cliff Lyons pula com um cavalo a 20 metros de altura uma ribanceira. Provoca trombadas de automóveis, dirige caminhões, ônibus ou diligências despenhadeiro a baixo, e de boa vontade despenca-se de um edifício. Cliff vive sem nenhuma queixa a sua "agradável" vida profissional. Yakima Cannutt, agora diretor, afirma ser êle o único homem capaz de pular de uma diligência puxada por seis cavalos em cima dos dois animais de trás; a seguir, sôbre os dois do meio e, finalmente, sôbre a parelha da frente!

Cannutt costuma rezar uma oração antes das provas difíceis, exemplo: jogar-se ao solo, debaixo dos seis cavalos que passam, à galope. A seguir, agarra-se e suspende-se na traseira da diligência, onde torna a entrar. Êste "trabalhinho" rende-lhe de cada vez, mil dólares.

Dorothy Lloyd ganha a vida mais fácil... imitando papagaios, e muitos outros bichos. Já apareceu em muitos filmes fazendo até imitações de bichos que nunca viu ..

Harry Monte. que tem apenas 53 polegadas de altura, emprega-se como substituto de crianças, em papéis perigosos ou difíceis. Tem usado vestidinhos de babados, toucas e até mesmo lindos cachos louros... o que não o impede de pular de trens em movimento, de engatinhar na frente de cavalos indomáveis ou nadar em águas tumultuosas!

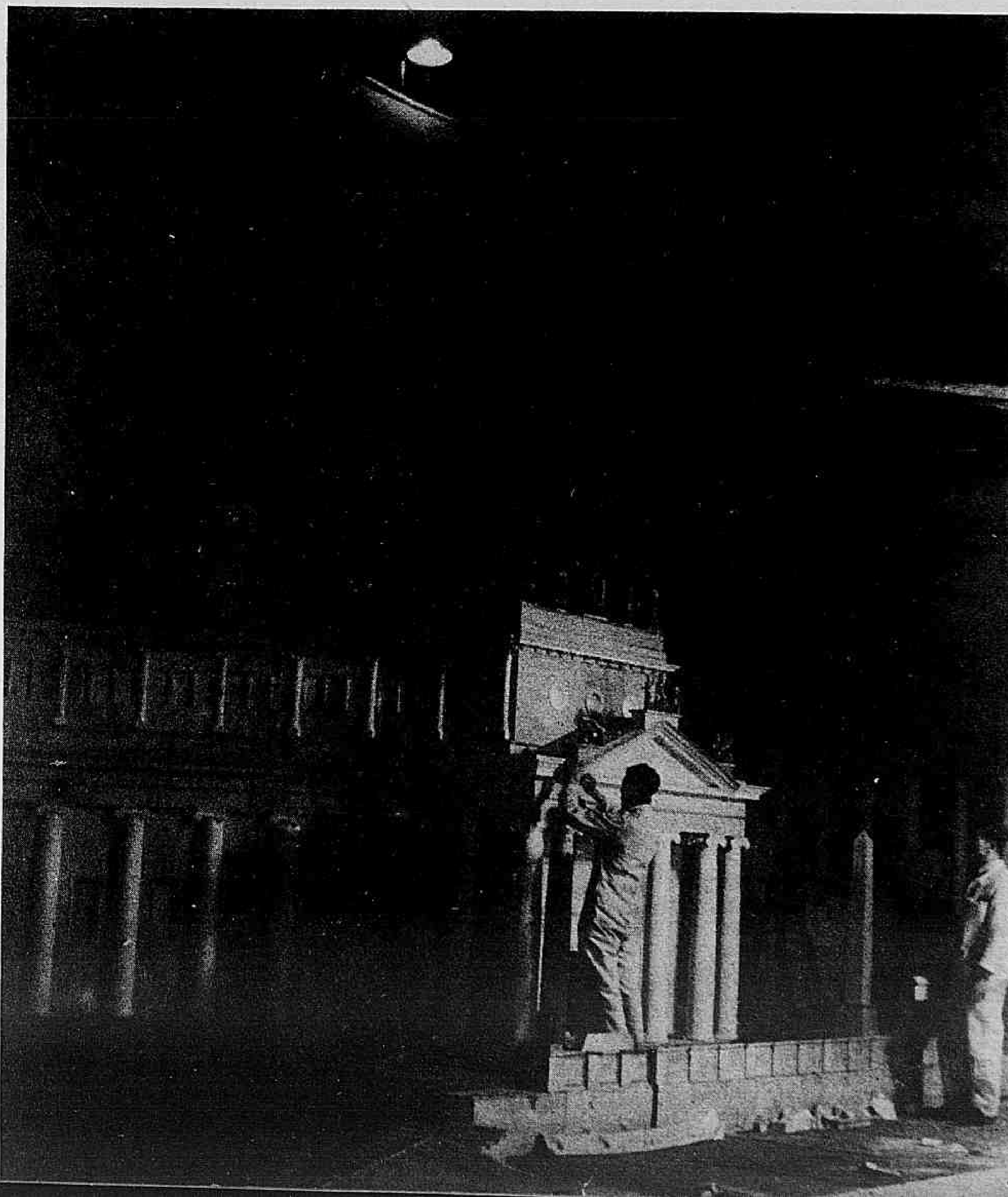
Por uma boa soma George Barrows lhe fornecerá um gorila, sob a garantia de fazer tudo que lhe pedir: o gorila é êle mesmo. Possuidor da mais fantástica vestimenta de macaco da colônia do cinema Barrows tem um metro e noventa. Apareceu em 1937. E desde então, se tem transformado em macaco sempre que um diretor o deseja." Assim é Hollywood e suas curiosidades.

SEGREDOS da TELA

Por LONG-SHOT

1 — Uma praça de papelão... A ilusão é perfeita mas esta indiscreta foto, colhida fora do ângulo da máquina, mostra, do lado esquerdo, as pequenas vigas de madeira que ajudam a fixar, de pé, um fictício "quarteirão" cinematográfico. Outro recurso da cenografia da tela é que, para melhorar os ângulos da visão, tudo é mais "quebrado" do que o natural. Assim, isto tanto acontece nas paredes das casas, nos interiores quanto nos exteriores. Observem, tanto do lado direito quanto do fundo, as liberdades de ângulos que foram tomadas...

2) — Os "models" (miniaturas) em outro eloquente exemplo. Este serviu para figurar um fabuloso palácio no filme britânico "César e Cleópatra". Embora aparentando proporções fabulosas (com a ampliação das lentes) a sua altura ia pouco além da de um homem. Os estúdios inglêses são mais liberais a fim de conceder fotos dos "models" pois nos de Hollywood procura-se manter o mais possível, o mistério...





Mais perfeita: Tônia Carrero.

DE C. DOMINGUEZ

(Conclui nas págs. 22-23)

Fotogênia: Marisa Prado.





Tranqüilidade: Eliane Lage.

Luminos de nossas "es



Porte: Ilka Soares



Simplicidade:
Fada Santoro.

sidades

strêlas"



Suavidade: Beatriz
Consuelo

7 Dias em Revista

ESCOLHIDOS OS TRÊS FILMES BRASILEIROS

PARA O FESTIVAL INTERNACIONAL



Mazzaropi em «Candinho», direção de Abílio Pereira de Almeida, para a Vera Cruz.

Semana de Festival Internacional com atividade desvairada pela paulicéia. Prossegue, portanto, a retrospectiva do Cinema Brasileiro com exibição do excelente "Limite" de Mário Peixoto, filme que marcou época. Humberto Mauro não foi esquecido e dêle veremos "Ganga Bruta". Dos filmes de longa metragem apresentados à seleção, três foram considerados de qualidade suficiente para representar o Brasil: "O Gigante de Pedra", "Na Senda do Crime" e "Chamas no Cafèzal". "O Gigante de Pedra" foi dirigido por Walter Hugo Khouri com Fernando Pereira, Paulo Montes, Irene Kramer e Sylvia Orthof. A Vera Cruz reíniciará suas atividades. Prepara suas câmaras para filmar o "Sertanejo". Financiarão o filme os exibidores de São Paulo. "Candinho" atravessou uma terceira semana de exibição em cinemas menores e "Nem Sansão nem Dalila" entra em cartaz com grande estilo.

No Rio os ares são outros. Parado como é próprio para esta época de calor. Os cineclubistas sócios da Federação da Juventude Brasileira vão apresentar filmes inéditos no Brasil. Além disso discutem e preparam as filmagens de "Juventude em Três Andamentos", uma história de Jacob Bonder. A São Jorge Filmes filma "Coração Sem Rumo" que Afrodísio de Castro ilumina auxiliado pelo "cameraman" Waldir Domingues. Nelson Pereira dos Santos é o autor de uma história que transcorre num dia de

Oscarito e Gene de Marco em «Nem Sansão nem Dalila», da Atlântida.



«Chamas no Cafèzal», outro filme classificado.



«Na Senda do Crime», vendo-se Miro Cerni, um dos filmes classificados para representar o Brasil no Festival.



domingo, no Rio. Focaliza os aspectos festivos da cidade e os seus contrastes. Um elenco constituído por vinte e oito atores já foi parcialmente escolhido. Entre outros podemos citar: Jece Valadão, Modesto de Sousa, Roberto Batalin. A direção caberá a Nelson Pereira dos Santos, que será assistido por Samuel Bonder; fotografia de Hélio Silva. Duilio Mastroiani e Fenelon Paul serão os encarregados da produção. As filmagens de "Contrabando" prosseguem com a atuação das graciosas Aurora Duarte e Julie. O assistente de direção Ítalo Jaques, responsável também por algumas seqüências do argumento. De passagem pelo Rio estiveram Marisa Prado e Ruth de Souza que seguiram para São Paulo no navio que conduzia a delegação espanhola ao Festival. E a nota triste correu: a do fechamento temporário dos estúdios da Kino Filmes que nos deu, recentemente, "O Canto do Mar". Surprêsa para o próprio Alberto Cavalcânti.

«O Gigante de Pedra», a terceira fita brasileira incluída no Festival.





CINEMA BRASILEIRO

FALAM OS INTERPRETES DE "NOBREZA GAUCHA"

Quando se escrever uma história do cinema verde-amarelo, não poderá faltar um capítulo dedicado aos principais responsáveis pelo descrédito que êle desfruta. Os nomes por certo encherão algumas páginas. Não faltam verdadeiramente homens "se dizentes cineastas" que roubam desassombradamente verbas destinadas a filmes, "instituem" cidades de cinema, nos centros industriais ou aproveitam-se da boa fé e do esfôrço de pessoas honestas para encher seus bolsos. Quantas prateleiras de estúdios estão carregadas de filmes inacabados? Isto, quando não se reveste de um caráter mais sórdido: os tais testes, as grandes oportunidades que tanta mocinha ingênua sonha...

Rafael Mancini realizador de "Pecadora Imaculada" (de triste memória) iniciou as filmagens de "Nobreza Gaúcha". No principal papel feminino estava Patrícia Lacerda. Lá pelas tantas esta foi substituída por Maria Fernanda. Filmaram os interiores no Rio e foram para o Rio Grande do Sul. Os atores e a equipe estiveram cêrca de 20 dias nos campos gaúchos. Eis que chegam os atores e fomos ouví-los, certos de que nos dariam grandes notícias. Foi Jece Valadão quem falou primeiro, quando perguntamos sôbre o lançamento do filme:

— Lançado? Este filme foi uma ilusão.

— Mas como?

— Simplesmente, passamos quinze dias no Rio Grande do Sul e filmamos apenas três "takes", num total de 20 segundos. O senhor Mancini inescrupulosamente mandou-nos, depois de longa espera, de volta para o Rio.

— É verdade, acrescentou Maria Fernanda. O absurdo reveste-se de características piores; o homem é de uma grosseira intolerável. Dizer impropérios é quase uma necessidade, indispensável mesmo à sua direção.

Emílio Castelar que até então mantivera-se calado foi quem nos informou que estavam movendo ação contra o sr. Rafael Mancini na Justiça Trabalhista, a fim de receberem os honorários que lhes são devidos. "O senhor Mancini procura se justificar dizendo que nós abandonamos os trabalhos o que é inteiramente falso e destituído de qualquer fundamento. Foi êle próprio quem nos mandou voltar e disto temos testemunhas."

Esats declarações são realmente graves. O público deve tomar conhecimento delas. Lembrem-se de "Pecadora Imaculada" e depois julguem.



LUMINOSIDADES DE

«Sex-Appeal»: Sílvia Fernanda.



Comentadíssima: Marly Sorel.



Pureza: Dulce Bressane.

NOSSAS "ESTRÊLAS" (FINAL)



Elegância: Marlene.



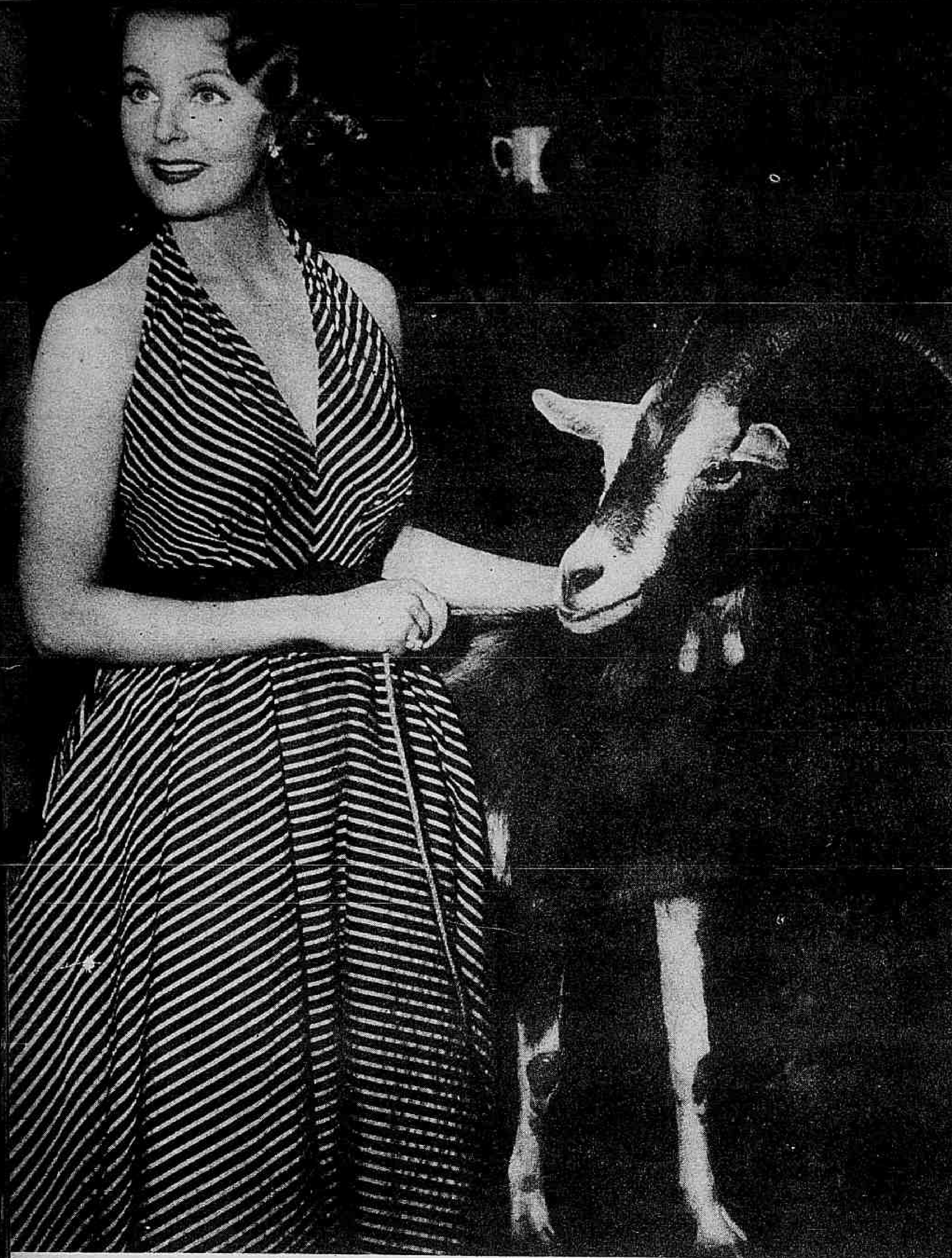
Vibratilidade: Emilinha Borba.



Revelação: Dóris Monteiro.

DO O MUNDO

(Serviços especiais para "A CENA", coordenados por L. BOLTSHALSER



Arlene Dahl, que possui em sua casa muitos bichos (três gatos, dois cães, pássaros de tôda a sorte, etc.) tomou-se de amizade por esta cabra, durante a filmagem de «Jamaica Run», da Paramount.

ESTADOS UNIDOS

Anuncia-se grandes progressos no som estereofônico. Depois da 20th. C. Fox com o "Cinemascope", alugando os direitos do invento a outros estúdios, os outros estúdios buscam aperfeiçoamentos a fim de vir a fazer o mesmo que a sua colega. Assim, a Metro, através da palavra do seu presidente, Arthur Loew, anuncia importantes descobertas. A estréia mundial do novo invento será em Londres, no Empire, no final do corrente ano.

De Nova York chega-nos a notícia de que Clélia Barros Trisciuzzi venceu um concurso internacional de publicidade. Clélia, que é diretora de publicidade da Republic no Brasil logrou êste laurel graças à eficiência do lançamento do vitorioso "Depois do vendaval".

FRANÇA

Em "primeira internacional", foi projetado há dias, com grande êxito, o filme de Claude Autant Lara "Le Bl-e en herbe", cujo argumento é tirado do romance de Madame Colette. A sessão foi em benefício do Fundo de Solidariedade Universitária, sob a presidência do Ministro da Educação Nacional, sr. André Marie.

ITÁLIA

Vittorio De Sicca trabalha frequentemente como ator para... poder dirigir seus filmes. Pois De Sicca gosta de ter tôda a liberdade quando realiza; assim, só dirige filmes quando conta com dinheiro bastante para financiá-los. Ainda agora, com a soma conseguida com "Madame de...", êle iniciará as filmagens de "O ouro de Nápoles".

A produtora italiana Venturini contratou a atriz Yvonne De Carlo para interpretar o principal papel feminino no filme "A espôsa de Putifar", inspirado no conhecido episódio bíblico que relata a tentativa de sedução de José, filho de Jacó, vendido por seus irmãos ao mercador egípcio. Ainda não se conhece o nome do ator que, nos panos do casto José, deverá resistir na tela às seduções da bela Yvonne. Os exteriores do filme serão realizados no Egito, e os interiores, em Roma.

Faleceu G. R. Aldo, cujos notáveis trabalhos como diretor de fotografia, tinham-no colocado entre os primeiros da cinematografia peninsular. Foi êle o responsável, entre outros, pela magnífica fotografia de "Céu sôbre o pântano", a biografia de Maria Goretti.



Susan Hayward, marido e filhos. Poucas «estrêlas» gosam, na intimidade, de tanta ventura quanto Susan.

NA ÁFRICA DO NORTE

A África do Norte durante a filmagem, em locação, do filme americano: «A rapôsa do deserto».

Qual o freqüentador de cinema que não está familiarizado com as extensões infindas de areias do deserto, cortadas por hordas árabes em revolta, eternamente perseguidas por valorosos legionários? Quem não penetrou, graças à indiscrição do cinema, no recinto proibido dos haréns, onde as favoritas do «sheik» banham-se em piscinas suntuosas? Quem não assistiu às aventuras coloridas que têm por cenário o Saara, filmadas no deserto mais próximo — já que as paragens desérticas são tão comuns na paisagem californiana — que construído nos estúdios, com fundo de tela pintada, e as indefectíveis tendas árabes que mais se assemelham a barracas de praia dalgum balneário «chic». Dentro das tendas, ricamente atapetadas, cortinas transparentes, coxins e belas almofadas de sêda, bailarinas volteiam frente às câmaras, cobertas de jóias e tênues véus, e para se identificarem perfeitamente às coristas das revistas da Broadway, só falta mascar «chicletes».

Casablanca e Tanger, cidades de intriga e espionagem, limitam-se a cafés e bares de luxo, e alguns becos tortuosos, fàcilmente fabricados pelos carpinteiros do estúdio. Pepé-le-Moko (Tony Martin) passeia pela Casbah de papelão entoando, como o herói dalguma opereta, «For every man there's a woman».

Tudo isso o espectador conhece, graças a essa fábrica de ilusões chamada Hollywood. E' essa a África do Norte convencional, californiana. Pois «O vale dos reis» constitui o primeiro caso de filme americano rodado «in-loco». E mesmo assim, não inteiramente. Por medida de economia filmarão no Egito uma série de episódios, e os truques de filmagem e laboratório se encarregarão do resto.

Isso todo o mundo sabe. O que poucos conhecem é a história real do cinema norte-africano, que luta para se impor e que atravessa uma crise que faz lembrar, em muitos pontos, a do cinema nacional. Mas o problema dêles ainda tem agravantes. A pobreza dos países da África do Norte é uma barreira quase insuperável, que ocasiona alguns dos fenômenos observados no cinema brasileiro, como a improvisação.

Os técnicos árabes que estudaram com diretores experientes são poucos numerosos. E assim mesmo não podem contar com trabalho seguido exclusivamente no cinema pátrio. Geralmente são obrigados a colaborar no cinema francês. Como no Brasil, no norte da África ainda não existem escolas de cinema, centros de estudos criados em volta dêsses técnicos competentes, nem bôlsas de estudo que possibilitem aos jovens interessados a formação em meios cinematográficos mais adiantados.

Do ponto de vista econômico, as filmagens na África do Norte são até vantajosas. Realizar um filme lá, sai muito menos custoso que num país europeu, por exemplo, pela simples razão de que o cenário natural da região oferece sítios que satisfarão ao gôsto mais exigente. O gasto de iluminação artificial é desnecessário, num país onde o céu apresenta uma luminosidade de incomparável brilho, e torna secundária a instalação de estúdios dispendiosos.

Diretores franceses que realizaram filmes com a pretensão de serem 100% árabes falharam. Filmes como «La septième porte» (A sétima porta), de Zwobada, e «La dernière chevauchée» (A última cavalgada), de Léon Mathot, tiveram um relativo sucesso em Paris e nas províncias, mas deixaram indiferentes as populações norte-africanas. Essas películas não podem competir, de modo nenhum, com os filmes egípcios que já há muitas décadas inundam o mercado norte-africano.

Apesar dos melhoramentos modernos levados a efeito nos estúdios das margens do Nilo, a técnica dos filmes egípcios continuam bastante primitiva. Entretanto, são essas as películas que têm maior sucesso entre os espectadores árabes, sobretudo devida à interpretação, de dançarinos e cantores muito populares.

No Brasil, ainda no ano passado, foram exibidos alguns musicais egípcios. São êsses filmes, inspirados em lendas populares, que estão mais de acôrdo com a tradição, o gôsto e os hábitos do público muçulmano. Assim, contam com a preferência dêles, que desprezam as realizações de estrangeiros, os quais tentam fixar apenas o que lhes parece pitoresco e insólito, sem procurar compreender o país e sua gente.

Uma dificuldade que só ùltimamente vem sendo contornada é a questão da diferença de línguas faladas nos países que compõem a África do Norte: Algéria, Tunísia, Marrocos, Egito Essa diversidade, mais de sotaque que pròpriamente de língua, está sendo solucionada com o emprêgo do árabe de imprensa, um árabe literário vulgarizado, que é compreendido em todos os países acima citados, e ainda no Irã e no Iraque.

O cinema norte-africano tem todo um futuro diante de si. Um futuro brilhante, pois se atualmente existem dificuldades a superar, a situação dêsses países oferece também certo número de vantagens. A variedade das raças, cada qual trazendo sua contribuição na formação de uma tradição extraordinàriamente rica, sem contar o clima propício às filmagens ao ar livre. E uma coisa já tem a seu favor: o perfeito conhecimento dos problemas que o afligem revelado por seus técnicos, como o jovem realizador Larbi Tunsen, que tão bem expôs à imprensa francesa as dificuldades que ora enfrenta o cinema árabe.

TATIANA LESKOVA

Apesar do nome, Tatiana Leskova não é russa. Nasceu em Paris aos 6 de Dezembro de 1922. Descendente de uma família de escritores (seu avô foi Nikolai Leskoff) russos, sentiu-se desde cedo atraída pelo "ballet", arte em que a Rússia é o país de mais tradição. Aos onze anos iniciou-se no "ballet" com Lubov Egorova que ministrou-lhe os primeiros conhecimentos e familiarizou-a com a arte. Aos treze anos já estava incluída entre as bailarinas da Ópera Cômica de Paris. Sua ascenção à partir de então foi rápida. No ano seguinte, primeira bailarina do "Ballet de la Jeunesse" onde estreou ao lado de Skibine. Em 1939 ingressava no "Ballet Russo de Basil" que tinha como coreógrafo Michel Fokine. Estreou no Convent Garden ao lado de Tamara Toumanova, Irina Baronova, Anton Dollin, e outros grandes vultos do "ballet". Sua técnica e sensibilidade logo despertaram a atenção de Fokine que lhe confiou papéis de maior responsabilidade. Numa excursão à Austráila teve sua primeira grande oportunidade quando interpretou "Favillon", "Baile dos Graduados" e "Ícaro" ao lado de Serge Lifar. Foi ao México, Canadá, Cuba e Estados Unidos onde conhceeu o famoso Sol Hurok que a apelidou de "Baby". Estéve no Brasil em 1942 como primeira bailarina. Sucesso estrondoso. Não era desta vez que decidiria sua fixação aqui. Prosseguiu viagem no seu afã de dançar. Foi à Argentina e daí para outras terras menos pró-



O corpo de baile do Teatro Municipal, que muito deve a Tatiana durante um trecho de «Sylphides».

ximas. Em 1944 voltou ao Brasil e desta vez ficou. Dançou duas temporadas seguidas (1946-1947) como primeira bailarina. Em 1949 vai à Paris e volta. Eram as saudades que a dominavam e a traziam de volta para suas alunas e para as coreografias.

A profissão de bailarina, exige um conhecimento das outras artes; não se limita Tatiana reger aulas ou criar novas coreografias. Ela acompanha o desenvolvimento das outras artes e tem suas preferencias bem acentuadas. Na música ama Beethoven, Bach, Brahams, Stravinky, Prokofiev, Shostakowski e detesta Hindemith e Schoenberg com os respectivos atonalismos. Na pintura, principalmente os renascentistas, as côres de Matisse, o complexo Dali. Dos cubistas tem talvez pena. No "ballet", gosta particularmente de "O espectro da rosa", "Paganini", "As Sylfides" e outras.

TATIANA E AS MEDALHAS DE OURO

Muito deve a arte do "ballet" no Brasil a Tatiana Leskova. Foi através da sua orientação que o Corpo de Baile do Teatro Municipal conseguiu chegar a uma forma jamais alcançada. É fato que outros também colaboraram, conforme V. Veltcheck, mas a glória do seu quinhão não lhe poderá ser jamais negada. Tôda esta abnegação e desprendimento, em favor desta ascenção, à custa de inúmeros sacrifícios e, inclusive, conforme sucede com tôdos os renovadores, sujeita a inúmeras campanhas contrárias não teve, até o presente momento, a necessária recompensa, por exemplo, até mesmo nos prêmios da Associação Brasileira de Críticos Teatrais não lhe foi ainda tributada a medalha máxima. Enquanto que tôdas as primeiras figuras já foram distinguidas com duas e até três medalhas, o órgão máximo da crítica ainda não lhe fêz justiça, uma única vez sequer. Magnífica bailarina e emérita coreógrafa, de há muito merecia o laurel máximo desta arte no país. Quando a A.B.C.T. por duas vêzes, se reuniu, no corrente ano, a fim de julgar a temporada de 1953, em quase absoluta unanimidade se levantaram os críticos para, enfim, render uma homenagem já há muito devida. Embora tivesse a maioria dos votos dos críticos especializados não pôde, entretanto, haver a votação pelo fato de o número de votantes não alcançar o suficiente exigido pelo estatuto. Entretanto, a culpa dêste fato cabe, em boa parte, à própria A.B.C.T. Primeiramente, adiando, sem consultar à maioria dos associados, a data da votação legal que, pelo Estatuto, se deveria realizar conjuntamente com a data da votação de prêmios do Teatro. Em segundo porque não se interessou que houvesse número legal nas datas que marcou a seguir porquanto nenhum dos interessados recebeu comunicação por escrito sendo, apenas, uma pequena parcela cientificada das datas estipuladas, em caráter esparso.

(Continua na pág. 31)



Tatiana, uma existência consagrada à dança.





«My Son John» a volta de Helen Hayes com Van Heflin e Robert Walker.

CARTAZES em REVISTA

Orientação de JONALD, L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em S. Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 1 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 1/2 — ótimo e admirável; 3 e 3 1/2 — bom e muito bom; 2 e 2 1/2 — sofrível e regular; 1 e 1 1/2 — fraco; 1/2 — detestável; e 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DA PRIMEIRA SEMANA DE MARÇO VINDOURO

1 1/2 — "CANDINHO"

Uma das músicas desta película diz que «o que ouro não arruma, não tem mais arrumação». E de fato, Mazzaropi parece estar mesmo destinado a aparecer em filmes que não fazem de forma alguma jus a capacidade por êle demonstrada. «Nadando em dinheiro» indicou qualquer coisa referente a uma possível oportunidade mas êste «Candinho» derruba de um só golpe tôdas as esperanças. É tão intragável quanto «Sai da frente», com mais ou menos todos os defeitos dessa primeira comédia: uma série de situações jogadas sem mais nem menos diante da platéia, sem nenhuma preparação, sentido, direção, em uma série de cenas simplesmente coladas uma atrás da outra. É Mazzaropi, quem sustenta a todo o momento o espetáculo, com suas piadas, seus ditos e sua personalidade vivendo um tipo que já lhe é familiar, o caboclo simplório e simpático. Mas o argumento não o ajuda em nada, embora o artista tente levá-lo avante. Uma comédia tem de se impor já no argumento, ao cômico, como acontece quase sempre com um Bob Hope, Danny Kaye. Se não dão algo à altura, como poderia êle, Mazzaropi salvar o filme? Já há um mínimo de qualidade em qualquer filme da Vera Cruz devido aos recursos técnicos da produtora e à montagem de Haffenrichter. Aqui nem mesmo êsse vernis é perceptível, pois os recursos não surtem efeito, o famoso montador não responde desta feita pela montagem, a fotografia de Edgar Brasil está inferior. Além do mais há a má história (não tem cabimento aquela transformação de Filoca em «taxi-girl») e direção. Tanto que uma situação mais interessante que surge lá pelas tantas, que é o momento em que Cadinho não pode provar que é brasileiro, quase nem é apreendida pela platéia. Temos no elenco Ruth de Sousa, sem oportunidade alguma e Benedito Corsi, que também merece melhor sorte embora tire partido do papel. O resto é silêncio. (Filme lançado em São Paulo e em Santos a 25 de janeiro).

LANÇAMENTOS DE 15 A 21 DE FEVEREIRO

2 1/2 — "A CIDADE SE DEFENDE"

Adquirindo agora maior prestígio e mais segurança (embora «Em nome da lei» o tivesse indicado, talvez erradamente, um cineasta completo) após ter feito «O caminho da esperança», seu melhor filme como conteúdo, Pietro Germi nos dá sua película mais fraca. É socialmente nula e cinematogràficamente pretenciosa (veja-se a cena do suicídio do segundo assaltante). A motivação dos atos dos personagens é fracamente exposta. No caso do rapazinho foi preciso o artifício da mãe tentando demovê-lo do suicídio. Sabe-se que são pessoas amarguradas pelas dificuldades da vida, mas isso não nos satisfaz como explicação. Por outro lado tem-se a impressão que Germi, receioso de que seu filme se afastasse da linguagem de cinema puro, fêz jôgo de formas, a «forma pela forma» (caso de Pierre Cardinal, um estreante, em seu pesadelo cinematográfico «Amôres de Casbah»). Compôs o quadro, enamorou-se do mesmo, tolheu a ação, fê-la em câmara lenta, tornou preciosa a cena (casos de Elia Kazan em «Os saltimbancos» e Antonioni em «Crimes da alma»). Veja-se o trecho do restaurante: primeiramente uma localização do ambiente, panoramizando-o, até a entrada do pintor, e sua trajetória de mesa em mesa, para só então se ouvir a risada de Tamara Lees e dar início ao incidente que se segue. Note-se a duração de cenas como a do pai com a espôsa e filha na rua, quando a menina admira as bonecas; a cena do trem, ou o final, com os policiais levando o rapaz. Pode-se responsabilizar Germi também pelo mau-gôsto de dois ou três momentos do filme: o policial tomando o «soutien» e mirando-o, os italianos a comer macarrão, e aquelas gargalhadas em conjunto, trechos antiestéticos. Embora o cenário seja correto como desenvolvimento, e o argumento seja inegàvelmente dramático, não temos o ritmo empolgante, a fôrça de atração irresistível de «Em nome da lei», o melhor filme de Germi. Pode-se apontar bons momentos no filme, mas é de se esperar que da próxima vez Germi siga além do regular. Dos atores gostamos de Paul Muller, que interpreta o pintor. Música boa na apresentação. (Filme italiano, da Art Films, exibido pelo Marrocos e circuito, de C. M.).

1 1/2 — "A JOVEM QUE TINHA TUDO"

Com uma intriga sentimental tola e repisada (a moça à procura de emoções que cai nas mãos de um bandido), uma trama débil, onde o drama é fabricado sob medida, o filme, ao contrário da jovem, não tem nada. Os personagens, esquematizados, não chegam a definir-se; são apresentados com superficialismo, e as suas reações, desencontradas. No caso de Ramondi, o complexo herói, a coisa se complica; o tipo é um enigma, não se chega a suspeitar sequer suas intenções. O inexpressivo Fernando Lamas contribui para tornar mais obscuro o caráter de seu personagem. No filme não há lógica, nem na solução final. Depois de colocar os heróis em situações críticas, o cenarista percebeu que chegara o momento do filme terminar. Esgotara-se o tempo. Que fazer? O jeito é dar resignação à rebelde heroína e matar-lhe o namorado vilão, uma morte rápida, sem tempo para despedidas ou arrependimento: «time is money»... O assassínio de Ramondi era desnecessário, e só

Elizabeth Taylor e Fernando Lamas numa cena do filme da Metro, hoje analisado.



se justifica como satisfação ao Código de Moral de Hollywood. Êste dramalhão de encomenda foi dirigido à altura, por Richard Thorpe, conhecido pela inexpressividade de sua obra. Elizabeth Taylor empresta seu sensível rosto de radiosa beleza à heroína. Fernando Lamas, um dos piores atores do cinema, não convence no galã-vilão. O veterano William Powell, assim como os atores secundários, corretos. Fotografia de rotina, e bom comentário musical de André Prévin, um dolente «blue» acompanhando os idílios Taylor-Lamas. Título original: «The girl who had everything», produção M. G. M. estreado nos cines Metro.

1 ½ — "A CIDADE SUBMERSA"

Versão último tipo da procura de um tesouro, «A cidade submersa», em busca de um ângulo inédito, coloca seus heróis em terríveis aventuras no fundo do oceano. A repetição dos perigos que arrostam (sempre o maldito cabo de ar prêso às rochas ou esmagado sob algum pêso, impedindo o mergulhador de respirar) contribui para tornar a coisa um pouco monótona; mas a quase novidade das cenas submarinas, onde o trabalho de trucagem é muito bem feito, consegue interessar o espectador. A história é ingênua, com maldições que se realizam, namoros, maremotos, brigas e a morte final dos dois vilões. E as possibilidades que ela oferecia, não soube aproveitá-las o diretor, Bud Boetticher. O resultado é algum interêsse nas cenas submarinas, e completa monotonia quando os heróis se acham fora dágua namorando ou lutando e quebrando as mesas e cadeiras de um cabaré. O toque pitoresco é dado pela Jamaica de lata de conserva, que serve de cenário à história, com batucadas lindamente tecnicoloridas para dar «côr local». Robert Ryan comparece, sufocado pela direção e pela insignificância de seu papel. Anthony Quinn faz o que pode. Enquanto Mala Powers continua enjoadinha, e Suzan Ball é um novo espécime a enriquecer a já tão extensa galeria de «decaídas cinematográficas». Título original: «City beneath the sea», produção Universal International, estreada na linha do Vitória.

1 ½ — "TURBILHÃO

É um drama policial, comédia musical, e às vêzes o realizador pretende dar um toque satírico à película, neste caso visando os próprios elementos da cinematografia. Isto dá margem ao aparecimento de um dos melhores personagens do filme: o diretor de cinema. Apresenta ainda alguns números musicais, um verdadeiro coquetel de gêneros populares. Há roubos, adultério e muitas outras peripécias e no meio de tudo um belo romance de dois jovens de côr, que felizmente ocupa boa parte da película. Assim «Turbilhão», que também traz algumas cenas de erotismo para atrair espectadores, constitui um espetáculo sofrível. Claudine Dupuis, atriz limitada e cantora razoável, reparte as glórias do estrelato da presente película com Marcello Pagliero (realizador de «A . . . Respeitosa» e de «Nono Mandamento», desta feita de parceria com Rossellini), o simpático Pierre Louis e Jean Servais. «Tourbillon», de procedência francesa e distribuído pela Tele-Filmes, estreou no cinema Pathé.

«Cidade Submersa» apresenta cenas de violência às margens do cais.



1 ½ — "E O NOIVO VOLTOU"

Comédia semelhante as outras em que tenha aparecido Claudete Colbert, e isto diz quase tudo . . . Dois jovens se casam e desde o primeiro momento vêem-se impedidos de viver juntos devido a varíola que inoportunamente ataca o noivo, já com um exíguo tempo de licença antes de partir para o «front». Assim êle acaba passando a lua-de-mel, sòzinho, num hospital. Parte sem ver a espôsa e passa mais de ano sem ter oportunidade de encontrá-la. Além de tudo a noiva possuía uma numerosa família e com tôda a parentela vai morar na propriedade do infeliz soldado. Procurando arrancar das situações alguma comicidade o irregular Douglas Sirk dá-nos apenas uma comédia sem graça, com as duas nulidades Piper Laurie e Tony Curtis. Don De Fore, que há muito não aparecia, comparece para fazer o «outro». A situação se complica e há um inesperado «happy-end». «No Room For the Groom», da Universal International, estreou no cinema Palácio.

2 ½ — "NÃO DESONRES TEU SANGUE"

Traz novamente à tela a conhecida Helen Hayes, que outrora ocupou lugar de destaque entre as atrizes de alguns anos atrás, tendo feito ao lado de Gary Cooper «Adeus às Armas». Muito sensível, dá tôda espansão a sua capacidade dramática, tornando-se um verdadeiro «show» de interpretação, exagerando às vêzes . . . Faz a mística e histérica mãe de Robert Walker (em seu último trabalho para o cinema, aliás um dos pontos altos da película). No mais é a repetição dos dramas de guerra fora do campo de batalha e o nazismo é presentemente substituído pelo comunismo. Em correta forma cinematográfica, o filme é antes de tudo catequista, e foi dirigido por Leo Mac Carey. «My Son John», da Paramount, estreou no Plaza.

OUTRAS APRESENTAÇÕES NO RIO:

«UM GRITO NO PANTANO» (Lure of the wilderness) — 20 th Century Fox, com Jeffrey Hunter, Jean Peters, Constance Smith e Walter Brennan. (Exibido no S. Luís).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ NO RIO:

«SOMOS TODOS ASSASSINOS» (Nous sommes tous des assassins) — Um filme de André Cayatte, com Marcel Mouloudji. (2ª semana no Império).

«CARNAVAL EM CAXIAS» — Produção Flama, com José Lewgoy e Dóris Monteiro. Direção Iléli - Wanderley. (2ª semana no Odeon).

FILMES MENOS CATEGORIZADOS:

« A PONTE DE GÊLO» (Red snow) — Produção Columbia, com Guy Madison e Carole Mathews. (Estreado no Pax).

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

ENTRE OS DIAS 8 E 14 DE FEVEREIRO

Dos filmes inéditos no Rio serão reveladas apenas as cotações, ficando as análises para quando do posterior lançamento no Rio.

2 — «NEM SANSAO NEM DALILA» — Filme brasileiro da Atlântida. Direção de Carlos Manga, com Oscarito, Eliana e Fada Santoro. (No Art Palácio, Ópera e circuito de 25 cinemas).

1 ½ — «BORRASCA» (Thunder Bay) — Universal, com James Stewart. Direção de Anthony Mann. Em «technicolor». (No Marabá).

3 — «INTRIGA EM PARIS» (Assignment-Paris) — Columbia, com Dana Andrews, Marta Toren, direção de Robert Parrish. (Exibido pelo Ipiranga).

«A JOVEM QUE TINHA TUDO» (The girl who had everything) — Metro, com Elizabeth Taylor e Fernando Lamas. Direção de R. Thorpe. (Exibido pelo Metro). Criticado na coluna acima, do Rio.

OUTRAS APRESENTAÇÕES

«NOITES SEM ESTRÊLAS» (Night without stars) — Direção de Anthony Pelissier, com David Farrar. Filme inglês, apresentado no Ritz São João.

«VITIMA DE SUA CONSCIENCIA» (Crime y castigo) — Pelmex, com Roberto Canelo, direção de Fernando Fuentes. (Exibido no Broadway).

«PECADORA MARCADA» (Milady et les mousquetaires) — Produção franco-italiana, com Rossano Brazzi e Yvette Leblon. (Cartaz do Jussara).



Ester de Abreu, num dos clubes noturnos de Hollywood, mantém animada palestra com Jorge Henrique.

TEATRO e

Vence nos Estados Unidos um organista brasileiro

De D. CATALDI, exclusivo para "A CENA"

Sensação artística nos EE. UU., em Miami Beach, é sem dúvida, segundo o "Miami Herald", o jovem organista brasileiro, Jorge Henrique. Na noite de sua estréia, no famoso "Scherry Frontenack", todos queriam ouvir o "sensational brazilian organist", precedido de grande publicidade. Turistas brasileiros, atraídos pela música brasileira, sentiram a impressão que os fizeram recordar da Bahia do Senhor do Bonfim, das favelas do Rio ou de Copacabana. Era o nosso ritmo, fazendo os ianques gingarem sob as notas de um chorinho.

Para Jorge Henrique, àquela noite foi de gala, pois entre muitas personalidades conhecidas, podiam-se contar presentes, o senador MacCarthy, a conhecida compositora Mana Zucca, D'artega, compositor e chefe de orquestra, atualmente produzindo para Hollywood, o fabuloso Hoagy Carmichael, autor do inesquecível sucesso "Star Dust", os Three Suns, Ethel Smith e muitos outros.

Da colônia cinematográfica, Jorge Henrique recebia também o prestígio e abraços dos "astros" — Bob Lowry com a sua espôsa Jean Parker (atualmente afastada da tela), a linda Betty Underwood que ali fôra acompanhada de Helmut Dantine, famoso intérprete nos papéis da terrível Gestapo. O artista brasileiro recebera bem antes de sua estréia, a visita de Franchot Tone e Barba Payton, quando êste casal deu amplo material às manchetes da imprensa mundial, com escândalos de ciúmes, agressões, etc.

Disse-nos Jorge: — "Barbara e Franchot Tone, pareciam demasiadamente felizes e o acontecimento que repercutiu em todo o mundo, pegou-me inteiramente de surprêsa..."

Outro casal simpático de Hollywood e que muitas atenções despertava naquela cidade turística e de elevadissimo padrão artístico, era Bob L'Owry e Jean Parker.

"Êles estiveram aqui — conta-nos Jorge Henrique — em lua de mel. Apreciaram muito os últimos sucessos brasileiros, notadamente os baiões. Ao lado das novidades, toquei para êles, a pedido, o eterno (sucesso aqui) "Aquarela do Brasil".

"Há pouco tempo — prossegue Jorge — tive a minha primeira apresentação no cinema americano. Foi na película "We Weren't Merried", da Fox e inteiramente rodada na Flórida. Aqui estiveram muitos "astros" que integravam o elenco dêste filme. Nos intervalos das filmagens, fiz um verdadeiro "show" da música brasileira. Convidei três lindas garôtas para auxiliar-me nos ritmos, com reco-reco, chocalho e cabaça. Foi um número divertido, naturalmente improvisado e que terminou com a "platéia" em gargalhadas, dado os esforços que as lindas "extras" da fox faziam por acompanhar-me! — Creio — termina dizendo — que em breves dias, "We Weren't Merried" já esteja sendo apresentado nas telas do Brasil".

Ao final do nosso encontro com o artista patrício, ouvimos seu pezar pela ausência completa de partituras musicais, discos, artistas brasileiros para maior divulgação da nossa música, pois no sul dos EE.UU., sòmente um brasileiro luta pela propaganda e introdução dos nossos ritmos, — êsse notável organista Jorge Henrique.



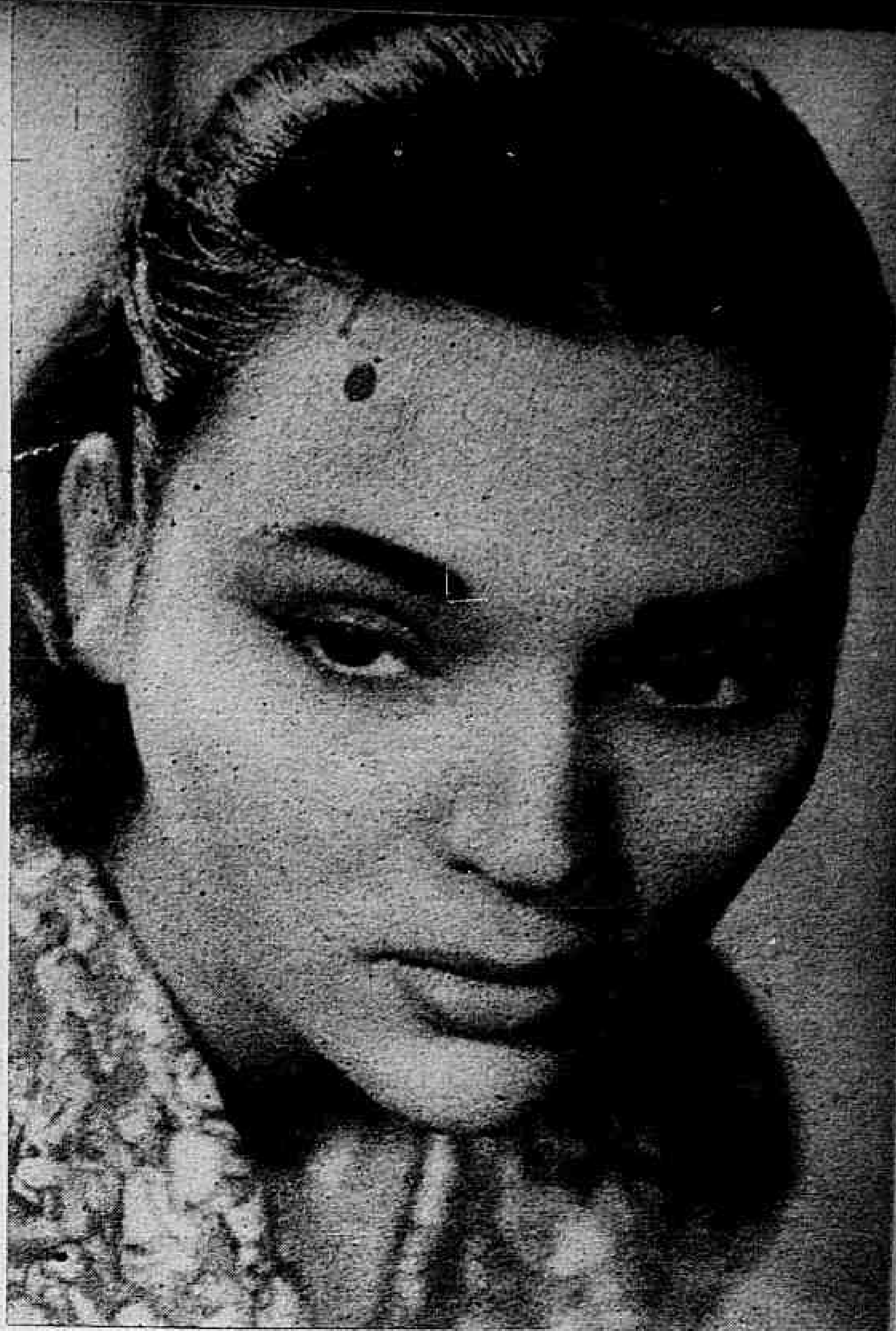
Antes do rumoroso divórcio, o casal Franchot Tone e Barbara Payton visita Jorge Henrique.



Helmut Dantine, Betty Underwood e o organista patrício Jorge Henrique.

MÚSICA

"A DAMA DA MADRUGADA"



Bibi Ferreira, premiada pela Prefeitura.

Não basta a um grupo teatral designar-se «de Arte». E' preciso mostrá-lo através de espetáculos de bom nível artístico, mesmo considerando as limitadas possibilidades, equilibradas pela inquebrantável fé dos elementos que estream no palco.

«A Dama da Madrugada», de Alejandro Casona, ora em apresentação no Teatro Rival, é uma peça belíssima, em que a poesia e o sensualismo sobrenadam seus três atos. A versão portuguêsa de Valdemar de Oliveira não perdeu nada de seu espírito e sua originalidade.

Coube a direção a Ribeiro Fortes que também desempenhou um dos papéis principais. Se bem que como ator tenha sido convincente, embora façamos restrições à composição do tipo, pouco alquebrado para os setenta anos, como diretor, falhou quase integralmente. Afora a cena da brincadeira das crianças com a Dama no primeiro ato e as últimas cenas do terceiro ato, as marcações são destituídas de originalidade não despertando no espectador, qualquer emoção.

A atuação de Beatriz Veiga de uma frieza glacial, demonstrou entretanto os recursos vocais e suas possibilidades se adequadamente conduzida. Aliás os bons momentos da peça são de sua responsabilidade e das crianças Antônio Castahenra, Eda Lúcia e Helena Martins que principalmente a segunda, demonstram admiráveis qualidades de intérpretes. Regina Aragão, Jorge Gonzaga, Stela Costa, Isaac Bardavid conseguem compor os tipos dando-lhes certa autenticidade. Ana Bela em Angélica, mostra-se possuidora de sensibilidade; mal conduzida é levada ao exagêro e ao limite do ridículo.

O guarda-roupa e o cenário de Osvaldo Mota, principalmente o último é simplesmente despropositado. Basta dizer que o único elemento autêntico são as garrafas de vinho; não faltou ao ambiente de interior espanhol uma cadeira «Chipandale», uma mesinha moderna e vários outros acessórios que dispersam e não caracterizam nada. Enfim, o espetáculo é mesmo fraco.

TATIANA LESKOVA

(Continuação da pág. 27)

Vencesse Tatiana ou qualquer das suas dignas colegas, o fato é que o escrutínio, que é secreto, se deveria ter realizado, caso houvesse um mínimo de boa vontade dos seus mentores. Uma arte ainda tão nova no país, conforme o "ballet" mereceria ser permanentemente estimulada. Porém basta apenas referir que, na segunda convocação realizada, na sede da SBAT, a Presidência mandou encerrar a ata, por falta de número legal após decorridos 10 minutos da hora marcada (apenas um único associado a mais e teria havido o escrutínio) enquanto que, na própria eleição do Teatro, embora vultoso e legal fôsse o número de presentes, no instante pré-estabelecido, por motivos de somenos importância, começou com mais de 40 minutos de atraso, no tocante à hora da convocação. Por todos êstes motivos, a arte do "ballet" no país ficou sem premiados no corrente ano a fim de, dada a evidência de motivos, melhorar as finanças da A.B.C.T. Êste foi o único motivo que levou os responsáveis a sonegar a doação de prêmios no corrente ano pois, também em contrário ao Estatuto, nenhuma nota oficial foi dada à imprensa, sôbre o 1.º adiamento e as posteriores convocações.

GILDA DE BARROS...

(Continuação da pág. 32)

mamente, apesar da época contrária que se atravessa, para músicas de meio de ano. Já firmou, definitivamente, com a fábrica de Felizberto Martins (que enxerga longe, mercê de sua experiência de anos) e para a qual já gravou seu segundo disco, estando prestes a realizar o terceiro.

Será, sem sombra de dúvida, a revelação fonográfica do corrente ano. Regravou o bonito samba-canção "Ave Maria no môrro" (quando demonstra tôda beleza de sua voz) e deverá alcançar um dos grandes êxitos de 54, com o já comentadíssimo "Baião em Israel".

Gilda é casada com a famoso trombonista Raul de Barros, o maior do Brasil.

PÁGINA DO LEITOR

(Continuação da pág. 33)

grandes acontecimentos do cinema nacional: o lançamento de "Sinfonia Amazônica". Pacientemente realizado durante sete longos anos por Anélio Latini Filho, o primeiro desenho animado de longa metragem teria que despertar o interêsse do público, de crítica e associações culturais por êste Brasil imenso, como de fato, sucedeu. Pesando os prós e contras da realização, sobra apenas a nossa admiração e respeito pela honestidade, o valor, o autêntico de "messiânico" de seu trabalho. Foi um esfôrço consagrador, aspecto que deve (e tem de) servir de ponto de partida, convenientemente amparado (por lei) e prestigiado (financeira e pùblicamente) para realizações futuras de maior fôlego (artística e tècnicamente) em menor tempo. Não se deve acrescentar mas nada.

Que o ano de 1954 resulte definitivamente na emancipação econômica e artística de nosso cinema, são os votos de todos os seus inúmeros fãs, pois 1953 já caminhou bastante e bem, para êste objetivo; os resultados aí estão.

IVAN RIBEIRO DE SOUZA — (RIO)

(Continua na pág. 34)

DISCOS-NOVIDADES

(Continuação da pág. 32)

Roberto Luna, Horacina Corrêa e Bárbara Martins, foram os cantores que gravaram na "Musidisc", para o carnaval. De todos, Roberto Luna saiu-se melhor, pois os seus números são legítimas bombas, em São Paulo, onde o intérprete se encontra no momento, exclusivo da Nacional.

Rádio

por EDEL NEY

GILDA DE BARROS, CANDIDATA A RAINHA DO RÁDIO

Gilda de Barros, a nova "estrêla" da Nacional e Mayrink Veiga, embora surgida há pouco tempo para os nossos microfones, é uma cantora que já dispõe de muitos fãs.

Sua figura bonita e sua voz maravilhosa cativam à primeira vista. Seu nome já passou a ser requisitado para os maiores "shows" e acontecimentos radiofônicos. E, por essa razão, a "personalíssima", acedendo a insistentes convites que lhe fizeram diretores da A. B. R., no sentido de que prestigiasse o Concurso que escolherá a Rainha do Rádio de 1954, resolveu emprestar o seu nome a essa brilhante iniciativa, que se propõe auxiliar a Construção do Hospital do Radialista.

Surgida ontem, Gilda de Barros sabe, perfeitamente, que a coroa caberá, muito mais merecidamente, em qualquer uma de suas colegas, mais antigas e, portanto, mais conhecidas e famosas.

Dona de uma personalidade deveras marcante, (daí o "slogan" com que foi batizada — a personalíssima) — aliada a uma voz cem por cento atraente, Gilda sonha, como tôdas as nossas artistas, com a cobiçada coroa de Rainha do Rádio. Tem certeza, contudo, que, quando chegar a sua chance, os seus fãs, que crescem dia a dia, não falharão.

Gilda estreou, como solista de disco, no fim do ano que passou. Sua gravação para a "Odeon", do samba "Eu sou a outra" e da versão de "I Apologize", está vendendo òti-

(Continua na pág. 31)



Gilda Barros acompanha-se com maracás durante a realização de um programa na Rádio Nacional.

Emilinha Borba canta acompanhada por Aires Viana e Alventino Cavalcante, criadores do samba-mambo: «Um lugar ao sol».



DISCOS-NOVIDADES

Roberto Silva, que aparece muito bem, em todos os carnavais, colocou dois bonitos sambas no grande páreo de 1954: "Não me abandones", de Antenor Borges e Jorge Gonçalves e "Minha promessa", de Antônio Braga e Milton Vilela; o "príncipe do samba", continua firme na "Copacabana".

Geneci Azevedo, Guido Medina e Alfredo Ribeiro assinam a interessante marcha "Mulher de cego", que o cantor paulista Romeu Fernandes gravou na "Sinter".

Felizberto Martins, detentor de vários sucessos de carnaval, colocou suas esperanças, para 1954, na marcha "Papai é o maior", que Afrânio Rodrigues levou à cêra, na "Odeon".

A última hora, Nilton Paz gravou para o carnaval, na "Colúmbia". Seus números: "A Maria é a maior", batucada e "Meu projeto", marcha. Boa aquisição de Renato de Oliveira. A propósito da "Colúmbia", podemos adiantar, ainda, que Haroldo Barbosa, não foi nomeado diretor artístico da mesma, como errôneamente publicaram certos jornais. O maestro Renato de Oliveira continua firme no seu pôsto, vindo de São Paulo, tôdas as semanas, para realizar as gravações.

A "Carroussel" já tem pronto seu novo Suplemento. Os discos infantis estão cada vez melhores, e sua aceitação aumenta diàriamente.



OS MELHORES NACIONAIS DE 1953

De um modo geral podemos afirmar que o ano que ora se findou não decepcionou, embora tenha estado muito além do que se esperava. Na luta dos prós e contras a balança favoreceu a olhos vistos para os incansáveis batalhadores e entusiastas do cinema nacional. Pelo menos, a exibição do primeiro desenho animado de longa metragem brasileiro, o primeiro filme colorido de enredo apresentado ao público; o 2.º Congresso Brasileiro de Cinema; o primeiro "Festival Cinematográfico" do Distrito Federal e outros acontecimentos por êste Brasil afora no mundo do cinema e principal e auspiciosamente, as vitórias de "O Cangaceiro" e "Sinhá Moça" no exterior, contribuíram de maneira decisiva para um melhor ano a êste atribulado cinema pátrio.

Na grande lista de filmes exibidos nas telas cariocas (cêrca de 23 lançamentos; 10 "cariocas" e 13 "paulistas") houve, sem dúvida, os que mais se destacaram, incluindo-se os técnicos e atores, diretores e músicos. Portanto, considerando o que de melhor o cinema nacional apresentou naquele ano, aqui vai a nossa modesta seleção e opinião: no cômputo dos melhores "O Cangaceiro" encabeça a lista. Que mais pode acrescentar um fã dêste modesto cinema brasileiro (relativamente), quando quer se referir a uma película dissecada quadro a quadro no celulóide que a imprimiu pela crítica brasileira, francesa, inglêsa, italiana e até mesmo dos longínquos países nórdicos: Dinamarca, Suécia e Noruega; premiada pelo severíssimo "certame" de Cannes, aplaudida no "Festival de Berlim" e consagrada no "Festival de Edinburgo"? Quase nada... Pois ainda assim, orgulho-me, dêste "O Cangaceiro".

"Sinhá Moça", seria a ambicionada, esperada, acariciada, falada e rica produção n.º 10 da "Vera Cruz". Tudo por tudo havia motivos de sobra para haver meios e modos a fim de aplaudir "Sinhá Moça". Em tôda sua linha, êste filme revelou as possibilidades em bases concretas da existência de um cinema, com estilo, linguagem, sentido e objetivo. "Sinhá Moça" por estas e aquelas razões deixa de ser apenas uma produção em bases históricas para mostrar o que tanto muitos têm se batido e que parece e deve ser o certo; brasileirismo em nossas produções. Foi com emoção que desfilando cena por cena êste bom trabalho da já consagrada "Vera Cruz", pude aquilatar o carinho, o cuidado, o interêsse, o estudo dos homens que trabalharam nesta película. Tudo parece autêntico. Há cheiro de escravatura. Há cheiro de colonialismo. Há cheiro de Brasil. Baseado em um romance de Maria Dezonne Pacheco Fernandes foi transportada para a tela pelas mãos da própria escritora, além de Osvaldo Sampaio e Tom Payne, igualmente diretor da fita (e premiado em Veneza). Foi um trabalho de equipe que resultou satisfatório sôbre todos os aspectos. João Maria dos Santos, um decorador de muito bom gôsto foi o autor da cenografia; merece um voto de louvor pela reconstrução fiel da época em que a gente "sente" o tempo ali estampado. Fotografia esplêndida de Ray Sturgess, montagem eficiente de Hanfferichter. Sôbre "Sinhá Moça", pode haver controvérsias, mas o valor do filme é inconteste.

A "Atlântida" saiu de seu "modus vivendi" insatisfatório: "Amei um bicheiro" é a causa, depois de uma larga publicidade e espera. Indubitàvelmente a melhor produção da veteraníssima.. Não fôsse a capacidade de dois ilustres diretores, um novato, Jorge Ileli e outro, calejado, Paulo Wanderley, duvidaria que êste filme resultasse no que é: produção limpa, coesa, com princípio, meio e fim, além de boas "performances" de seu elenco, destacando-se Grande Otelo, Lewgoy, Bertal e o até então "estátuo" Cyll Farney. História de Jorge Dória, fotografia de Amleto Dayssé, com boa iluminação, e a montagem, também satisfatória, de Valdemar Noya.

"Agulha no Palheiro" foi uma interessante realização de Alex Vianny onde se ressaltavam a história, nìtidamente brasileira, embora passada na Metrópole; as interpretações, principalmente a extraordinária revelação de Dóris Monteiro;. os trabalhos de Sarah Nobre, Jackson de Souza e a máscula figura de Roberto Batalin, além a unidade técnica e artística sob a competente direção de A. Vianny. Sem dúvida, entre os poucos novos colaboradores no cinema "da casa", Alex é o mais promissor e um dos melhores. Com "Agulha no Palheiro" vimos a tendência de se fazer um neo-realismo brasileiro. A escola é vasta e apenas dependerá de como deverá se utilizar dêste profícuo meio de linguagem cinematográfica... E nós confiamos no Alex...

Positivamente, o ano de 1953, foi o da "Vera Cruz". Dentre as melhores produções saídas de nossos estúdios no gênero comédia, "Uma pulga na balança" ocupa o seu devido lugar. Desprovido de qualquer publicidade ruidosa, muito discreta, por sinal, mas aproveitando a chance da celeuma (Pró) conquistada com o selvático "O Cangaceiro" ("Uma pulga na balança" foi exibido no Rio, entre "O Cangaceiro" e "Sinhá Moça") a "Vera Cruz" lança sua terceira produção do ano. Definitivamente esta película conquistou um novo marco para nós no plano da comédia. Inteligente, arguta, leve, satírica, dramàtica, por vêzes; surpreendente de formas e fórmulas por outras, "Uma pulga na balança" é algo de novo, de interessante, de "finesse". Luciano Lalce, diretor, revelou-se um homem de recursos para o "écran". Seus conhecimentos teatrais, são incontestáveis, e postos a prova no T. B. C. Juntamente com outro inteligente homem, Fábio Carpi, argumentista, formaram a dupla de realizadores concisos e inteiramente originais, até então, no cinema nacional pelo menos na trilha que seguiram: a comédia macabra. E não é à-toa que se diga: o valor de "Uma pulga na balança" está mais do que nunca no roteiro, com a conveniente participação diretorial, visível flagrantemente na atuação dos atores. Merece registro especial Waldemar Wey, notável no tipo que compõe, seguramente, sem fugir um único momento daquilo que se exige no "momento exato". W. Wey é o homem dos sete instrumentos, como caracterização, em cena. Muito bom mesmo. Paulo Autran, também bom, seguido de perto por Mário Sérgio e um grande elenco teatral, como Luiz Calderaro, Maurício Barroso, o esplêndido Armando Couto, o estudioso Jaime Barcelos além de uma novata com possibilidades, Lola Brah. Música de Enrico Simonetti. Fotografia de Lombardi. "Uma pulga na balança" é sátira pela sátira, e é mais um feito para o nosso cinema em que pese haver ainda desníveis em sua concepção, mas já com um estilo marcante. Já é alguma coisa...

Monteiro Lobato é a glória da literatura infantil brasileira. Deliciou e tem deliciado a infância e juventude brasileiras, com sua bela e notável coleção de livros endereçada a êste público de leitores. E o cinema nacional ainda não havia acordado até então quanto as possibilidades de levar à tela uma daquelas inesquecíveis aventuras de Pedrinho e Narizinho, da boneca Emília e do Marquês de Rabicó, de Tia Anàstácia e Dona Benta... Quando um senhor Artur Neves de acôrdo com a Editôra "Brasiliense", atual proprietária dos direitos de edição das obras de Monteiro Lobato, resolveu realizar a mais poética fita nacional, e sem dúvida, a primeira película de longa metragem endereçada aos jovens e crianças brasileiras, além dos adultos, é claro! O resultado foi positivo: "O Saci" foi a história levada à imagem e inteiramente novo, o gênero a que se reporta a película. Emociona-nos acompanharmos as peripécias porque passam os felizes e saudáveis habitantes do sítio de "Picapau Amarelo", quando o "Saci", símbolo da esperteza e das diabruras que há latente em tôdas crianças, é surpreendentemente caçado e, no falar do negrinho de "uma perna só", pôsto "escravo ao seu dispor". Rodolfo Nanny dirigiu, pode-se dizer, psicològicamente a película, pois o tema endereçado às crianças de um modo geral, teria o filme que caminhar em um ritmo que não cansasse ao público infantil, e ao mesmo tempo, colher a curiosidade das platéias miúdas. Há valores realmente dignos de nota, em tôda a película; parece-me que foi uma das raras películas nacionais integrada por uma equipe só de brasileiros; a fotografia do notável Rui Santos, haja visto tôdas as cenas passadas no campo, na floresta (quando Pedrinho só, caminha por ela), as cenas noturnas, (aquêle cavalo branco ao longe é de uma beleza etérea) e principalmente a cena final daquelas plantas baloiçando ao suave contacto do vento; a música brasileiríssima de Cláudio Santoro é completamente funcional às imagens (vide a reunião da sacizada), principalmente no que se refere as cantigas de rodas entoadas por Narizinho; a dialogação, esta de Artur Neves, em que raramente ouvimos tão bem em um filme nacional; as interpretações das crianças como Paulo Matosinho (Saci) Livio Nanny (Pedrinho); Aristéia Paula Souza (Narizinho) e Olga Maria (Emília) as melhores interpretações infantis do cine pátrio, assim como as caracterizações dadas às figuras de Tia Anastácia, Tio Barnabé, Bruxa Cuca, a Yara e Dona Benta. "O Saci" trouxe um Monteiro Lobato vivo. Deve-se acrescentar que A. Vianny foi um dos colaboradores no quadro técnico do filme.

Tal foi o panorama do cinema brasileiro em 1953, no quadro de qualidade. Como um preito de satisfação não podíamos deixar de registrar a exibição da primeira película nacional de longa metragem colorida, "Destino em Apuros" da Multifilmes S. A. e um dos

(Continua na pág. 31)

PÁGINA DO LEITOR

(Continuação da pág. 31)

FILMES DE "COWBOYS", ESCALA PARA O SUCESSO

O filme do oeste, onde o herói vive um sem número de peripécias, onde a sua heroina tem quase uma figura decorativa, salvo nos tempos de Ruth Roland, Marie Walcamp, Pearl Witthe, Luise Lorraine, Grace Cunard, onde o vilão faz "das suas" e. no último momento, tem que levar a pior, continuará sendo uma das mais seguras fontes de lucro para as emprêsas cinematográficas. Isto desde os velhos tempos da Universal onde pontilhavam Harry Carey, Joe Bonomo, Jack Hoxie, Eddie Polo, Jack Holt, representando os "mocinhos", e Francis Ford, Noble Jonhson, Edmundo Cob, Jack Mower, representando o vilão.

Nem sòmente a Universal brilhou nos "westerns"; a Paramount foi séria concorrente, trazendo para o público, Richard Arlen, Jack Holt, Jack Perrin, Richard Talmadge. A Fox brilhava com William S. Hart, Tom Mix, Buck Jones (que perteneu a quase tôdas as emprêsas) etc.

O advento do cinema falado prejudicou um pouco os filmes do oeste. Mesmo assim a nova geração de "astros" do cinema moderno, já passou quase todos pelos filmes de ação, Tirone Power, "Marca do Zorro", Robert Taylor, "O Vingador". Clark Gable, "A Lei dos Fortes", John Hall, "Nobre Inimigo", Bob Hope, "Valente Treme Treme", isto sem contarmos John Wayne, Randolph Scott, Gary Cooper, Vitor Jory, que raramente saem dos filmes de aventura, para um tipo de filme qualquer.

Não resta a menor dúvida, de que os filmes de aventuras fazem os "astros", qualquer figura nova. É bom passar por êsse teste, indo, às vêzes, até o seriado como o fizeram, John Wayne. George Brent, Turan Bey, Clark Gable (no velho seriado "Veteranos e Calouros"). etc. Isto referindo aos "astros", porque as "estrêlas" também fazem das suas nesses tipos de filmes. Pelo oeste já pássaram Joan Crawford, Loreta Young, Jean Arthur, Marlene Dietrich, Jenifer Jones, etc.

Nos tempos do cinema mudo um filme do oeste era uma produção barata, quase sempre eram filmes de duas partes onde brilharam muito Edmund Cobb, Jack Perrin, Iakima Canutt, Jack Hoxie, Lola Todd, Josie Sedwick, muito embora também fizessem filmes de 5 ou 6 partes com "astros" mais categorizados como William S. Hart, Jack Holt, Art Acord, Eddie Polo, Francis Ford, Joe Bonomo. Harry Carey, William Desmond, William Farnum, muito embora êsses "astros" tivessem o grosso de sua popularidade nos filmes em série. Hoje um filme do oeste, é uma produção de luxo, feito com cuidado, com "cow-boys" cantores, o que considero um atentado à memória de muitos "astros" do passado. A gurizada não admite um "mocinho" que canta. "Mocinho" tem que ser "homem forte", sempre disposto a castigar o vilão. Mesmo quando querem fazer hilariedade (Bob Hope) o "mocinho" tem que fazer algo que impressione. Alguns dêsses "cowboys" cantores têm feito sucesso, Charles Starret, Dick Foran, mas a fama dêles nunca chegará à de Tonny, ou Silver, cavalos de Tom Bix e Buck Jones, ou mesmo da do cachorro Rin Tin Tin, três animais de muita fama em filmes do oeste de outro tempos. Dos tempos em que uma mocinha da classe de Ruth Roland, montava bem, atirava muito bem, e ainda brigava melhor. Elas eram os verdadeiros "mocinhos" dos seus filmes. E dava gôsto aos meninos do meu tempo estudar bem durante a semana para ter o direito a uma matinê movimentada com três filmes do oeste, dois seriados e algumas comédias.

Durvaltécio de Araújo Fonseca — BAHIA



OS MELHORES COLABORADORES DE "A CENA"

Por intermédio desta, desejo exprimir minha satisfação pela brilhante e dinâmica nova feição desta revista famosa. Em primeiro lugar, admiro a oportunidade única que esta revista dá aos amadores que enriquecem a seção "Página do Leitor". Venho acompanhando esta seção há muito tempo, embora nunca tenha sequer enviado um artigo sequer; me contento observando a capacidade alheia. Tenho uma apreciação a fazer à respeito dessa esplêndida seção "cenamudesca": classificar, provisòriamente, os melhores.

1) — Em 1º lugar *Alberto Conrado* ("Grandes perspectivas para o cinema brasileiro em 1951" — "O Documentário e a Fotografia no Cinema Brasileiro" — "São Paulo, centro cinematográfico nacional" — "Cavalcânti e o Instituto Nacional do Cinema" e "Renata, um nome que é uma glória!". Creio que Conrado é o mais completo.

2) — Em 2º lugar: *Durvaltécio de Araújo Fonseca* — "Oscarito no norte do país" — "Frank Borzage" — "Meninos Prodígios" — "Estrêlas do passado, no presente" — "Rainhas da tela" e outros. Este 2º lugar é bem merecido, pois Durvaltécio tem assinado brilhantemente vários artigos, desde o começo da "Página do Leitor". Seus artigos são bonitos e variados.

3) — Em 3º lugar: *Araken Júnior* e *José Ribeiro*, empatados. Todos os dois estão em plano de igualdade, pois José é o mais original de todos e Araken o mais constante.

Em colocações imediatas surgem outros, como: Ten. Aldir Madeira de Mattos, Elvira de Oliveira Brasil, Cícero Lopes, Braga Fonseca, Raimundo Anunciação Costa e outros a seguir.

Todos são muito bons, e merecem uma oportunidade; êsses cronistas amadores.

***Ricardo de Oliveiro Filho* (Rio)**

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visconde de Maranguape, 15 - Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

CINTOS MARAJÓ
CONFÔRTO E ELEGÂNCIA



QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Hà cinqùenta anos

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME..............................
RUA.................... Nº. ....
CIDADE............................
ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

★ MEDICINA ★ MECÂNICA ★ AVIAÇÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES

ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO



1953

num desfile sensacional e empolgante

★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS

HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLÍTICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA

NO PRÓXIMO NÚMERO:
NOVAS E SENSACIONAIS
REPORTAGENS COM OS
«ASTROS» E «ESTRÊLAS»
PRESENTES AO FESTIVAL
DE SÃO PAULO!

DEBORAH KERR

r 3078 16